# PLACAR

ESPECIAL

ED. 1471 JANEIRO 2021 R$ 19,90
7 893614 112022

# 50 JOGOS INESQUECÍVEIS

(MAIS UM QUE GOSTARÍAMOS DE ESQUECER E OUTRO QUE PODE MUDAR A HISTÓRIA DO FUTEBOL)

SUPER
RESPONDE

Neymar e cia ajoelhados antes do apito inicial: marco

FRANCK FIFE/AFP

# UM JOGO ETERNO

Ao interromperem aos quinze minutos a partida pela Champions League, PSG e Istanbul Basaksehir levaram a luta contra o racismo para os estádios de futebol, em bonito ponto de inflexão

Poucos momentos foram tão marcantes e bonitos quanto a decisão dos jogadores do Paris Saint-Germain e do Istanbul Basaksehir de abandonar o gramado, em partida da Champions League, depois de o quarto árbitro, o romeno Sebastian Coltescu, ter cometido um ato racista contra Pierre Webó, ex-atacante da seleção camaronesa e membro da comissão técnica do time turco. Os jogadores de futebol, em sua imensa maioria, sempre pareceram alheios a xingamentos em virtude da cor da pele. Em 2020, contudo, o mais longo dos anos, o ano da pandemia, estrelas como LeBron James e Lewis Hamilton vestiram a camisa do Black Lives Matter para dizer ao mundo que vidas negras importam. Gritavam depois do assassinato, em maio, de George Floyd, o afro-americano que foi morto por um policial branco, em Minneapolis, nos Estados Unidos. A violência produziu ondas de protesto planetárias, que ecoaram ainda mais rapidamente depois que os campeões do basquete e da Fórmula 1 empunharam a bandeira do respeito e da dignidade.

Faltava, ainda, algum barulho entre os atletas do mais popular dos esportes. Até que, aos quinze minutos do primeiro tempo da partida entre o PSG e o Basaksehir, um dos auxiliares de arbitragem expulsou Pierre Webó, de pé ao lado do banco turco. Houve as altercações de sempre, mas coube ao senegalês Demba Ba explicar o que tinha acontecido, com o rosto colado ao do agressor: "Me escute. Você nunca diz 'este cara branco', diz apenas 'este cara'. Então por que, ao mencionar um preto, tem de dizer 'este cara preto'?". O jogo foi paralisado. Kylian Mbappé e Neymar decidiram tirar o time de campo. Os turcos, é claro, também.

A UEFA remarcou o jogo para o dia seguinte, com outro trio de arbitragem. O PSG venceu por 5 a 1, com três de Neymar e dois de Mbappé. Antes do apito inicial, todos se ajoelharam, no já clássico gesto de repulsa. Foi um marco. Finalmente o futebol entrara na luta, que é de todos, para fazer história. A partida, suspensa antes do intervalo e depois retomada, faz parte dos grandes momentos do esporte, dado seu simbolismo. Ter acontecido o que se viu no Parque dos Príncipes parisiense foi uma vitória — atalho para que possamos vibrar com o futebol sem preconceitos. Nesta primeira edição de 2021, PLACAR lembra aqui daquela decisiva jornada de dezembro passado, a mãe de todas as partidas, a do grito por justiça, e de outros 50 jogos inesquecíveis e um que gostaríamos de esquecer — um para cada ano, desde o lançamento da revista, em 1970.

 revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

 veja.abril.com.br/placar

placar@abril.com.br

# ÍNDICE


6 1970 Brasil 4 x 1 Itália
8 1971 Atlético-MG 1 x 0 Botafogo
9 1972 Botafogo 6 x 0 Flamengo
9 1973 Chile 1 x 0 URSS
10 1974 Holanda 4 x 0 Argentina
12 1975 Inter 1 x 0 Cruzeiro
13 1976 Cruzeiro 3 x 2 River Plate
14 1977 Corinthians 1 x 0 Ponte Preta
16 1978 Argentina 6 x 0 Peru
16 1979 Palmeiras 2 x 3 Inter
18 1980 Flamengo 3 x 2 Atlético-MG
19 1981 Brasil 4 x 1 Alemanha
20 1982 Itália 3 x 2 Brasil
22 1983 Grêmio 2 x 1 Hamburgo
23 1984 França 2 x 0 Espanha
24 1985 Liverpool 0 x 1 Juventus
26 1986 Argentina 2 x 1 Inglaterra
27 1987 Guarani 3 x 3 São Paulo (3 x 4 nos pênaltis)
28 1988 URSS 0 x 2 Holanda
28 1989 Bahia 2 x 1 Inter
29 1990 Itália 1 x 1 Argentina (3 x 4 nos pênaltis)
30 1991 Estados Unidos 2 x 1 Noruega
31 1992 São Paulo 2 x 1 Barcelona
32 1993 Argentina 0 x 5 Colômbia
33 1994 Estados Unidos 2 x 1 Colômbia
34 1995 Santos 5 x 2 Fluminense
35 1996 Nigéria 3 x 2 Argentina
36 1997 Brasil 3 x 3 Itália
37 1998 França 3 x 0 Brasil
38 1999 Manchester United 2 x 1 Bayern
39 2000 Palmeiras 3 x 4 Vasco
39 2001 Austrália 31 x 0 Samoa Americana
40 2002 Brasil 2 x 0 Bélgica
42 2003 Manchester United 4 x 3 Real Madrid
42 2004 Grécia 1 x 0 Portugal
43 2005 Náutico 0 x 1 Grêmio
44 2006 Itália 1 x 1 França (5 x 3 nos pênaltis)
46 2007 Brasil 4 x 0 Estados Unidos
48 2008 Brasil 4 x 1 Alemanha
50 2009 Coritiba 1 x 1 Fluminense
51 2010 Uruguai 1 x 1 Gana (4 x 2 nos pênaltis)
52 2011 Santos 4 x 5 Flamengo
54 2012 Boca Juniors 1 x 1 Corinthians
55 2013 Suécia 2x 3 Portugal
56 2014 Brasil 1 x 7 Alemanha
58 2015 Palmeiras 2 x 1 Santos (4 x 3 nos pênaltis)
59 2016 Chapecoense 0 x 0 San Lorenzo
60 2017 Barcelona 6 x 1 PSG
61 2018 River Plate 3 x 1 Boca Juniors
62 2019 Flamengo 2 x 1 River Plate
64 2020 Atalanta 4 x 1 Valencia
66 Paulo Cezar Caju


IAN COLLISON/ZUMAPRESS/FOTOARENA

Pelé depois do quarto gol contra a Itália, em 1970: primeira grande final de PLACAR

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS LEMYR MARTINS, JB SCALCO, JUHA TAMMINEN, MOWAPRESS, RICARDO CORREA, FIFA E FRANCK FIFE/AFP


Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

**Publisher:** Fábio Carvalho

**Diretor de Redação:** Mauricio Lima

**PLACAR**

**Redator-Chefe:** Fábio Altman **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

**Colaboraram nesta edição:** Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueiredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto) e Klaus Richmond (reportagem)

**www.placar.com.br**

**PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS** Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Marcelo Alberto Cohen (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), André Marini (Regionais e Governo). **DIRETORIA DE MERCADO** Carlos Nogueira **OPERAÇÕES EDITORIAIS E MARKETING MARCAS** Andrea Abelleira **BRANDED CONTENT, EVENTOS E VÍDEO** Sandro Ferreira Rosa **PRODUTOS E PLATAFORMAS** Guilherme Valente **DEDOC E ABRILPRESS** Irvining Lage **ABRIL BIG DATA** (Big Data + Seo + Mkt Digital + Advertising) Sérgio Rosa

**Redação e Correspondência:** Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

**PLACAR** 1471 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

# A TARDE DA POESIA BRASILEIRA

Na Copa do Mundo do tri foram seis jogos e seis vitórias. A final virou um símbolo do que o esporte tem de mais espetacular e perene

**1970** | Cidade do México, 21 de junho
**BRASIL 4 X 1 ITÁLIA**

Depois de o Brasil golear a Itália por 4 x 1, depois de Carlos Alberto erguer a Jules Rimet e Pelé ser erguido pelos torcedores no gramado do Estádio Azteca, o cineasta, poeta e pensador italiano Pier Paolo Pasolini descreveu, a seu modo, o que se dera em campo após aquela tarde espetacular, a do tri. Assim: "O futebol poético é o futebol latino-americano. Seu esquema é o seguinte: esquema que para ser consumado deve requerer uma capacidade monstruosa de driblar (algo que na Europa é repudiado em nome da "prosa coletiva") e o gol pode ser inventado por qualquer um desde qualquer posição. Se o drible e o gol são os momentos individualistas-poéticos do futebol, é por isso que o futebol brasileiro é um futebol de poesia. Sem fazer diferença de valor, mas em sentido puramente técnico, no México a prosa estetizante italiana foi vencida pela poesia brasileira". Convém lembrar (e quem há de esquecer?) que o quarto gol brasileiro, o de Carlos Alberto, foi uma mistura de prosa com poesia, de coletivo com o individual. Pelé fez o primeiro, de cabeça. Boninsegna empatou. Gerson fez 2 a 1. Jairzinho ampliou — e então o lateral-direito fechou as cortinas com pompa. Aquele time e aquele jogo são eternos, símbolos da beleza do esporte. ■

Como se escreve Pelé, perguntaria um jornal inglês, para responder: D-E-U-S

Naquele ano... a **ditadura militar brasileira** matou 29 pessoas

LEMYR MARTINS

**“Parecia um helicóptero em sua mágica capacidade de permanecer no ar o tempo que quisesse.”**
*Facchetti, zagueiro italiano, sobre o Rei, que marcou de cabeça*

**1971** | Rio de Janeiro, 19 de dezembro
**ATLÉTICO-MG 1 X 0 BOTAFOGO**

O "fio de esperança" na comemoração: pontapé inicial

**"Somente três coisas param no ar: o beija-flor, o helicóptero e eu ."**
*Dadá Maravilha, autor do gol da vitória*

ARQUIVO PLACAR

# SENHORAS E SENHORES, TELÊ!

O Atlético Mineiro, campeão do primeiro Brasileirão, tinha no banco o homem que seria um dos grandes treinadores brasileiros

**2** O futebol tricampeão do mundo estava em festa em 1971. Um ano depois da conquista no México, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) decidiu organizar um Campeonato Brasileiro unificado, para substituir os antigos Robertão, Taça de Prata e Taça Brasil — seria o primeiro Brasileirão. Disputado por vinte clubes, o torneio foi decidido em um triangular final em turno único, entre São Paulo, Botafogo e Atlético-MG. O Galo chegava para a decisão com o orgulho ferido após anos de domínio do rival Cruzeiro, de Tostão. Tinha no banco um craque: Telê Santana, o excelente ponta-direita, o "fio de esperança", que abandonara os gramados para iniciar uma brilhante e emocionante carreira como treinador.

Depois de vencer a equipe paulista por 1 a 0 no Mineirão, o Galo precisava de um empate com os cariocas no Maracanã, para dar ao Atlético seu único título brasileiro até então. Cerca de 10 000 atleticanos enfrentaram aos gritos a maioria botafoguense, que apostava em Jairzinho. Quem decidiu, porém, foi seu reserva no México, Dario, o Dadá Maravilha, no estilo que o consagrou. O irreverente artilheiro que dizia parar no ar tal qual um beija-flor acertou uma cabeçada certeira aos dezesseis minutos do segundo tempo e garantiu o 1 a 0 que deu ao Atlético Mineiro seu único título brasileiro. Dadá foi o artilheiro da competição, com quinze gols, e hoje, aos 74 anos, se emociona ao lembrar da testada decisiva. "Foi o momento mais feliz da minha carreira." ■

Naquele ano... o **Magic Kingdom** abriu as portas em Orlando, nos EUA

# 1,2,3,4,5,6... MAS UM DIA VEIO O TROCO

A goleada alvinegra foi implacável — virou piada durante quase uma década, até que Zico liderou a vingança. E os times ficaram quites

RODOLPHO MACHADO

**1972** | Rio de Janeiro, 15 de novembro
**BOTAFOGO 6 X 0 FLAMENGO**

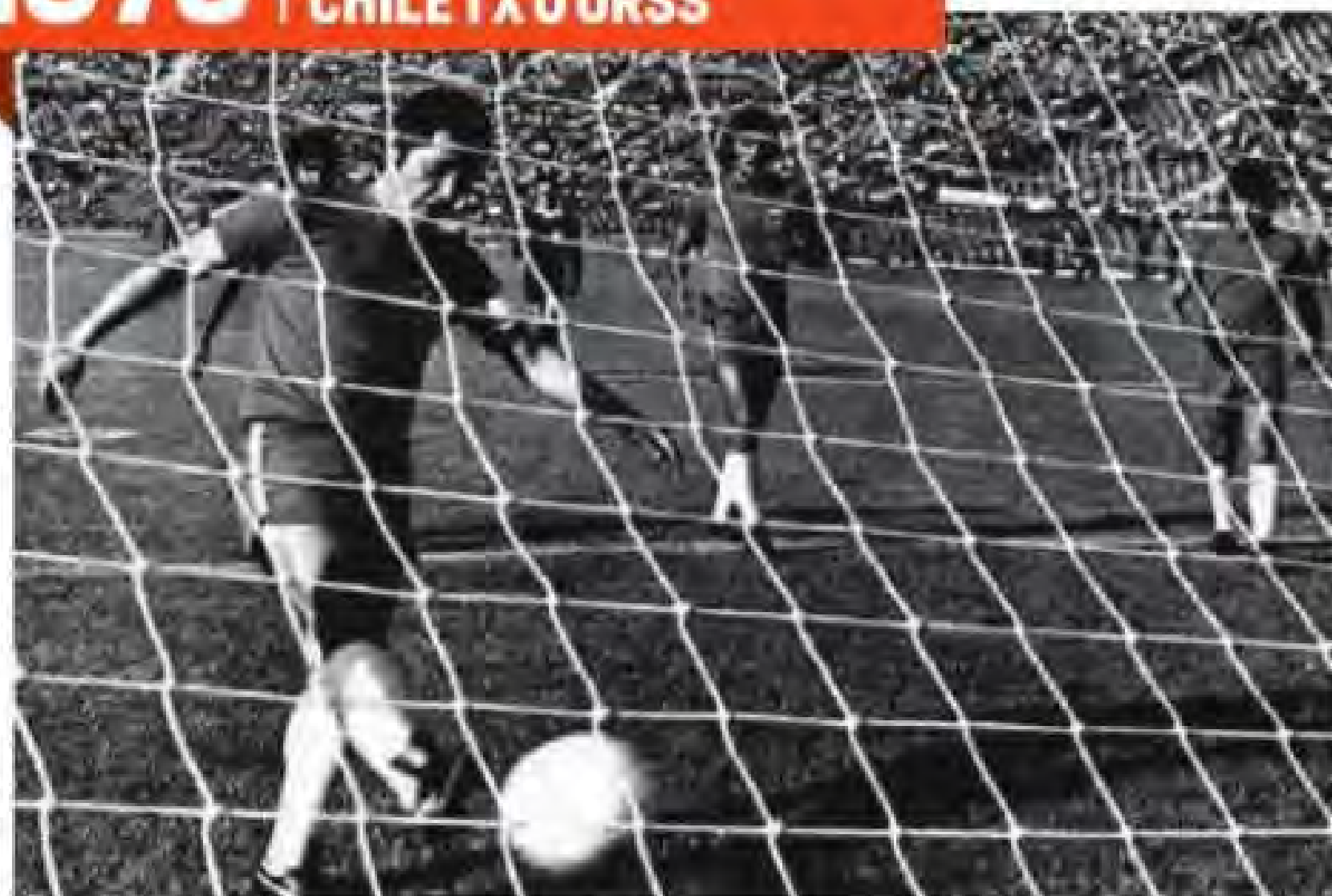
Jairzinho ri sozinho durante o massacre no Maracanã: nem mesmo ele acreditou no que estava acontecendo

**3** Durante nove anos, sempre que Botafogo e Flamengo se enfrentavam, a torcida alvinegra exibia uma faixa com o resultado daquela partida pela vigésima rodada do Campeonato Brasileiro: 6 x 0 para a equipe de General Severiano. Foi apenas em 1981 que o time de Zico deu o troco na mesma medida e a faixa foi devidamente engavetada. Com a revanche igualada, os dois grandes cariocas ficaram quites. Mas aquela meia dúzia do início de 1972, por ter vindo antes, marcou para sempre.

O Botafogo virou o primeiro tempo com 3 a 0 e depois dobrou a marca. Os gols foram de Jairzinho (3), Fischer (2) e Ferreti (1). "Foi até covardia", estamparia o *Jornal dos Sports* no domingo, dia seguinte ao jogo. Diz e lenda, e goleadas costumam alimentar lendas, que ao final da partida os flamenguistas treinados por Zagallo pediram ao adversário que segurasse a onda. O grande nome do jogo foi Jairzinho, um furacão que não deixou pedra sobre pedra nas hostes rubro-negras. Pena "pouca" gente ter ido ao Maracanã — pouco mais de 42 000 pessoas, numa época em que o maior do mundo recebia mais de 100 000 torcedores em dias de clássico. ■

Naquele ano... houve o atentado terrorista na Vila Olímpica em **Munique**

**1973** | Santiago, 21 de novembro
**CHILE 1 X 0 URSS**

CONMEBOL

O atacante Valdés chuta para marcar: sem defesa e sem goleiro

Naquele ano... morreu o poeta **Pablo Neruda,** Nobel de Literatura de 1971

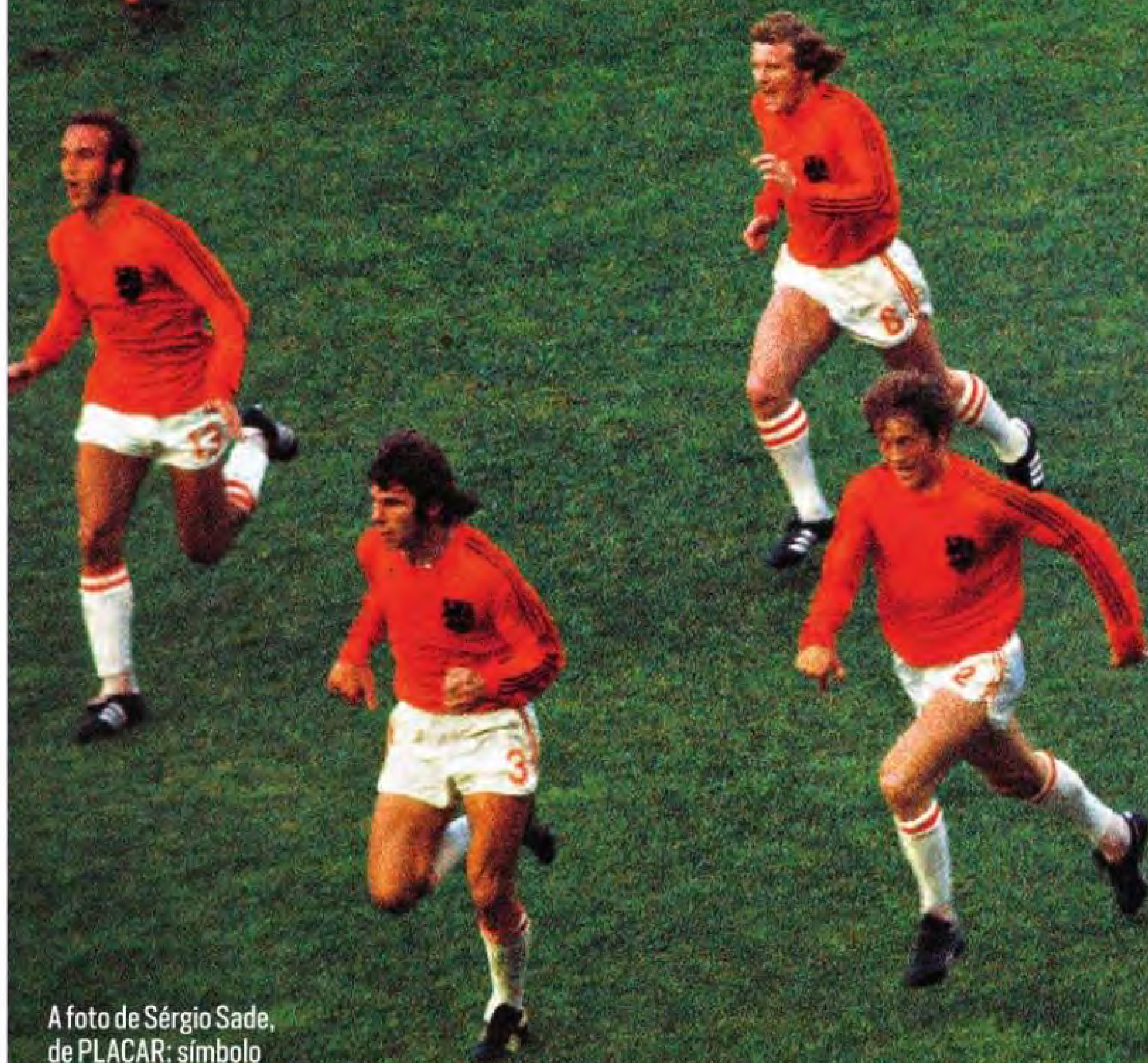
# TODO GOL DO GENERAL ESTAVA IMPEDIDO

Os soviéticos se recusaram a entrar no estádio chileno que servira de palco para assassinatos

**4** Em 11 de setembro daquele ano o general Augusto Pinochet deu um golpe de Estado, derrubou o presidente do Chile, Salvador Allende, e inaugurou uma das mais sanguinárias ditaduras da América Latina. Dois meses depois, a seleção da União Soviética se recusou a adentrar no gramado, no Estádio Nacional de Santiago, para o jogo de volta da repescagem a caminho da Copa do Mundo (na primeira partida o placar foi de 0 a 0, em Moscou). Os soviéticos não quiseram entrar em um campo que tinha servido de palco para assassinatos políticos. E, no entanto, os ingressos foram vendidos, havia mais de 25 000 pessoas nas arquibancadas. O juiz apitou o início, só o Chile estava lá. Foram quatros passes e gol de Valdés. Fim de jogo, mas não da vergonha de uma vitória sem adversário. ■

# PARECIAM DEZOITO NO GRAMADO

Depois daquela tarde na Copa do Mundo da Alemanha, a frenética movimentação da Holanda de Cruyff e cia. reinventou o futebol

A foto de Sérgio Sade, de PLACAR: símbolo da avalanche laranja para cima dos adversários

Naquele ano... houve outra revolução, **a dos Cravos,** em Portugal de Salazar

SÉRGIO SADE

Jongbloed; Suurbier, Haan, Rijsbergen e Krol; Jansen, Van Hanegem e Neeskens; Rep, Cruyff e Rensenbrink. Para nós, brasileiros, os nomes são truncados, difíceis de pronunciar — no limite do impossível. Mas soam como poesia para os amantes do futebol. Na segunda fase da Copa do Mundo de 1974, na então Alemanha Ocidental (a reunificação só viria dezesseis anos depois), a Holanda massacrou a Argentina por 4 a 0. O goleiro (que usava o número 8 às costas) não fez uma defesa sequer. Dois gols no primeiro tempo, sem grande esforço. No segundo, com chuva, outros dois, para garantir o saldo, que poderia ser um critério de desempate (mas não foi necessário, pois o time arrasou também o Brasil e a Alemanha Oriental e chegou à final invicto).

Naquela tarde de quarta-feira, o que se viu foi um baile. “Parecia que eles jogavam com dezoito em campo”, disse o zagueiro argentino Perfumo (que atuava no Cruzeiro na época). “Nunca vi nada parecido, é uma nova maneira de conceber o jogo”, resumiu o técnico Vladislao Cap. Era isso mesmo, uma revolução no esporte, com direito a vários apelidos: Laranja Mecânica, Futebol Total, Carrossel Holandês. O Feyenoord havia sido campeão da Europa em 1970 e o Ajax conquistara o tricampeonato em 1971/1972/1973. Coube ao técnico Rinus Michels juntar os melhores atletas dos dois clubes e, sob a incontestável liderança de Cruyff (1947-2016), organizar a engrenagem. A foto que ilustra esta página, feita por Sérgio Sade, de PLACAR, da arquibancada, virou símbolo da movimentação holandesa. Vê-se um solitário e atônito albiceleste ao lado de um mar de camisas laranja, retrato indelével do massacre imposto pelo “carrossel”. ■

**1975** | Porto Alegre, 14 de dezembro
**INTER 1 X 0 CRUZEIRO**

LEMYR MARTINS

Campeões: bola na rede aos dez do segundo tempo

# AQUELA FRESTINHA DE LUZ NA GRANDE ÁREA

O Colorado nunca tinha conquistado um título nacional, até que o sol bateu no gramado do Beira-Rio, Valdomiro ouviu o apito do juiz e...

**6** Mais de 82 000 pessoas lotaram o Beira-Rio, em Porto Alegre, naquele domingo, último jogo do calendário brasileiro em 1975. O Cruzeiro era uma máquina, com Raul, Nelinho, Piazza, Zé Carlos, Palhinha e Joãozinho. Mas quem fez história foi o Internacional de Falcão e Carpegiani, o primeiro time gaúcho a conquistar um título de projeção nacional — desde então, o Grêmio já ganhou a Libertadores três vezes e o próprio Inter, outras duas. Mas o que houve naquela tarde de primavera foi marcante. Ainda que o primeiro tempo da partida tenha sido mais estudado, com poucas chances, quase aborrecido, o segundo foi digno de uma final. Raul salvou a Raposa e o colorado Manga fez três defesas espetaculares, duas delas em chutes incrivelmente parabólicos de Nelinho, o lateral mineiro de patada inigualável.

Todo gaúcho — ou melhor, a metade vermelha do Rio Grande do Sul, porque a outra não quer saber —, se lembra do lance que definiria tudo. Pouco depois das 5 da tarde, apenas uma pequena faixa do sol que se punha no Guaíba rompia o concreto do estádio, iluminando uma porção tímida da grande área cruzeirense. Pois foi ali, aos dez minutos do segundo tempo, que Valdomiro, o ponta-direita da seleção, bateu uma falta. O chileno Elías Ricardo Figueroa, o camisa 3 do Inter, dom Elías Figueroa, saltou e cabeceou firme no canto direito, junto ao gramado. E o Internacional, pela primeira vez, rompia as barreiras regionais, naquela nesga de luz. ■

> **“Nasci com uma grande estrela.”**
> *Elías Figueroa, o grande zagueiro chileno, depois da partida*

Naquele ano... duas semanas antes da final, morreu o gremista **Erico Verissimo**

# A PRIMEIRA LIBERTADORES NINGUÉM ESQUECE

Com Jairzinho no time, a Raposa fez um belo torneio, até chegar ao terceiro jogo da final contra os portenhos da margem do Rio da Prata

**7** Menos de três meses depois de perder o Brasileirão para o Inter, em 1975, o Cruzeiro começou a dar o troco — em grande estilo. Na estreia na Copa Libertadores, fez 5 a 4 em cima do time gaúcho, abrindo caminho para a conquista da América, um feito que nenhum time brasileiro havia conseguido desde o Santos de Pelé, em 1963. A campanha cruzeirense foi quase perfeita. Na primeira fase, cinco vitórias e um empate. Na chamada fase semifinal, venceu a LDU duas vezes e o Alianza Lima outras duas, garantindo vaga na decisão, contra o River Plate. No Mineirão, vitória incontestável por 4 a 1. No Monumental de Núñez, a única derrota no torneio: 2 a 1. Assim, apenas dois dias depois, os times estavam em campo neutro, no Chile, para o terceiro jogo.

Naquele ano... morreram **JK e João Goulart**

O time mineiro: uma única derrota em toda a competição

O grande Jairzinho (onze gols na competição), o Furacão da Copa de 1970, se juntou a Raul, Nelinho (seis gols), Piazza, Zé Carlos, Palhinha (treze gols) e Joãozinho (oito gols). Durante a campanha, o atacante Roberto Batata morreu, num acidente de carro — tristeza que fez o grupo se unir como uma família estendida na busca pelo título.

A final foi tensa, pegada, "uma guerra", como definiram os jornais e sacramentou PLACAR. O Cruzeiro abriu 2 a 0, mas permitiu o empate. Aos 42 minutos do segundo tempo, o juiz apitou uma falta dentro da meia-lua da grande área do time argentino. Palhinha fez menção de cobrar rapidamente, para surpreender a defesa, mas Nelinho o impediu de fazer isso. O River montou uma barreira com oito jogadores e, enquanto os dois craques cruzeirenses decidiam quem bateria, Joãozinho colocou com perfeição no ângulo de Landaburu. Vitória por 3 a 2, festa azul no continente, dedicada a Batata. ■

**1976** | Santiago, 30 de julho
**CRUZEIRO 3 X 2 RIVER PLATE**

**"Eu tive a maior sorte do mundo. Sou um predestinado de Deus."**
*Joãozinho, autor do gol de falta — o do título*

CÉLIO APOLINÁRIO

**1977** | São Paulo, 13 de outubro
**CORINTHIANS 1 X 0 PONTE PRETA**

# VESTIU UMA CAMISA LISTRADA E SAIU...

...por aí, na festa de uma taça que não era levada para o Parque São Jorge desde 1954. No dia seguinte, empregadores deram folga aos torcedores que não dormiram e fizeram de Basílio o "pé de anjo"

**“O grito sufocado de um povo.”**
*Osmar Santos, o “pai da matéria”, ao narrar o gol solitário*

O camisa 8 aos 36 minutos do segundo tempo: desafogo

JOSÉ PINTO

*Foi assim que o repórter José Maria de Aquino, de* PLACAR, *descreveu, no calor da hora, de maneira hiperbólica, a noite de libertação do Corinthians em 1977, 23 anos depois do último título, em 1954:*

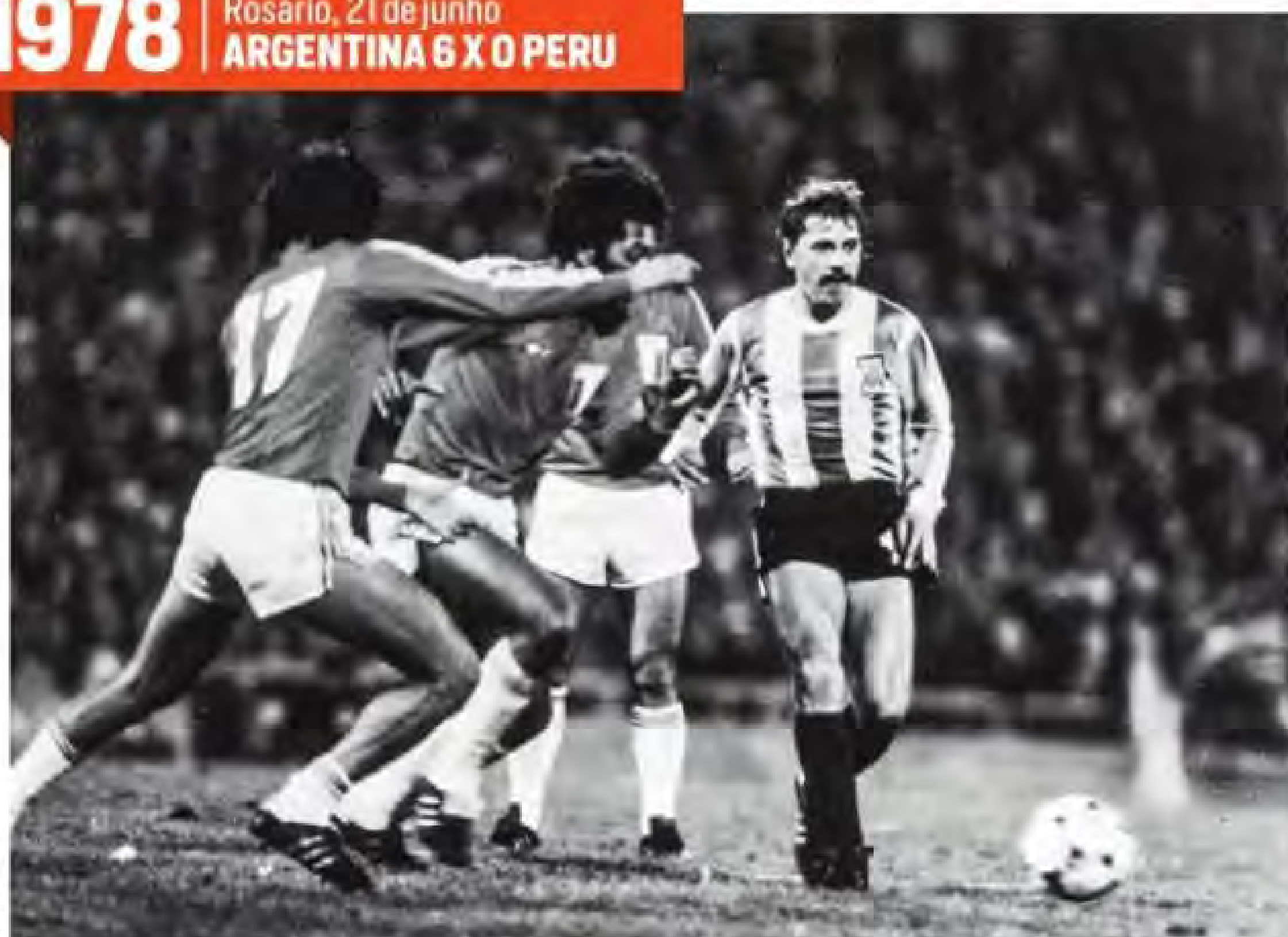
“Faltavam sete minutos, logo depois do gol da liberdade marcado por Basílio, vencido aquele instante de incredulidade, de doce silêncio nervoso, e o Morumbi, ansioso, juntou dois gritos de amor extremamente parecidos, para formar, nos seus três anéis, o maior, o mais puro, o mais afinado e o mais desinibido de todos os corais possíveis de ouvir: ‘Corinthians, campeão. Cuuuuuuurintia, campeão’.

Noventa mil gargantas se abriram num grito só e quase 200 000 braços se entrelaçaram num único e gigantesco abraço. O mais apertado, o mais sincero e o mais esperado de todos os abraços já dados num campo de futebol. Um abraço suado e ensaiado durante 23 anos, mas que valeu a pena.

Faltavam apenas sete minutos e eles, se não fossem bem jogados, ou melhor, se fossem jogados, seriam os mais longos sete minutos de qualquer vida. O jogo estava tranquilo, mas não haveria coração que aguentasse tanta carga de receio, de medo. Podia acontecer o lance de azar, aquele que colocaria quase tudo a perder, e não se podia correr tal risco. Era preciso ganhar o jogo ali mesmo, truncar a partida, esfriar o adversário ou enervá-lo de uma vez por todas. Era preciso melar o jogo, catimbar, deixar o tempo correr com a bola parada, esperar que os ponteiros do relógio se definissem, porque depois disso juiz nenhum do mundo teria saco tão roxo para ainda pensar em descontos ou em qualquer outra ação ‘subversiva’. O importante era acabar com tudo, era não permitir, nem de longe, que a festa fosse interrompida ou prorrogada”. ■

Naquele ano... morreu **Elvis Presley,** dois meses antes da noite alvinegra

**1978** | Rosário, 21 de junho
**ARGENTINA 6 X 0 PERU**

EL GRÁFICO

Os visitantes pareciam jogar de verdade: só que não

# A NOITE DA ETERNA SUSPEITA

Os argentinos precisavam de quatro gols contra os peruanos para tirar os brasileiros da final da Copa do general Videla. Foi estranhamente fácil

**9** Nada parecia transparente na Copa do Mundo de 1978, na Argentina, realizada durante a ditadura militar do general Jorge Rafael Videla. A segunda fase, ou semifinais, foi formada por dois grupos de quatro. Em um deles, Argentina, Brasil, Peru e Polônia lutavam por uma vaga na final. Um empate sem gols entre brasileiros e argentinos, vitórias do Brasil (sobre Peru, 3 a 0, e Polônia, 3 a 1) e a vitória da Argentina por 2 a 0 sobre os poloneses deixaram a classificação brasileira nas mãos dos peruanos, na rodada final. Seria necessário um placar com quatro gols de diferença para que os argentinos superassem o Brasil no saldo. Aos cinco minutos do segundo tempo já estava 4 a 0. O resultado de 6 x 0 foi comemorado com euforia em todo o país – para boa parte do mundo, soou no mínimo esquisito.

Não houve erros crassos do goleiro peruano Quiroga, acusado — sem provas — de ter feito corpo mole. Em 1998, ele afirmaria que "coisas estranhas" aconteceram antes do jogo, como a visita de Videla à concentração do Peru. Lembrou ainda que o zagueiro Rodolfo Manzo foi jogar no futebol argentino depois da Copa. Nunca se saberá ao certo o que houve em Rosário. A Argentina foi campeã. O Brasil terminou invicto, em terceiro lugar. ■

Naquele ano... o treinador Cláudio Coutinho disse que o Brasil foi **campeão moral**

# FALCÃO OU MOCOCA? ORA...

O Palmeiras era um ótimo time, dirigido por Telê Santana e com um meia que jogava muito. Mas os colorados tinham um camisa 5 que parecia jogar de terno e gravata. Foi lindo

**1979** | São Paulo, 13 de dezembro
**PALMEIRAS 2 X 3 INTER**

A elegância do voleio preciso: tirambaço a caminho da rede...

RONALDO KOTSCHO

**10** No dia da partida, o *Jornal da Tarde,* de São Paulo, sempre criativo e excelente na cobertura esportiva, indagou em manchete: "Mococa ou Falcão?". No dia seguinte, a resposta fez história no jornalismo: "Falcão, é claro". No Morumbi lotado, o camisa 5 do Internacional teve uma das mais espetaculares atuações de sua carreira — e talvez de qualquer jogador, em qualquer tempo. Marcou dois gols (um deles de voleio, numa estilingada espetacular, como se vê na foto abaixo) e levou o Colorado a vencer por 3 a 2 o Palmeiras, a caminho da final contra o Vasco da Gama e o título invicto. A equipe paulista dirigida por Telê Santana era a sensação daquele momento, depois de eliminar o Flamengo por 4 a 1 no Maracanã. Mas o Inter tinha uma máquina muito azeitada, dirigida por Ênio Andrade, e na qual desfilavam Mário Sérgio, Mauro Galvão, Batista e Valdomiro. E havia Falcão, o futuro Rei de Roma, que iria para a Itália em 1980. "O Falcão, quando provocado, jogava ainda mais", disse o zagueiro gaúcho Larry. O meia Mococa morreu em 2018, aos 60 anos, vítima de atropelamento numa estrada, em São Paulo. ■

Naquele ano...
a japonesa
**Sony** lançou o
primeiro walkman

**"Foi sensacional."**
*Falcão, ele mesmo, sem falsa modéstia, ao resumir a noite no Estádio do Morumbi*

**1980** | Rio de Janeiro, 1º de junho
**FLAMENGO 3 X 2 ATLÉTICO-MG**

# QUANDO ÉRAMOS TODOS REIS

Houve de tudo na decisão do Campeonato Brasileiro: o gigante Zico, Reinaldo com uma perna só e Nunes incansável

RODOLPHO MACHADO

**11** De um lado, Junior, Andrade, Zico, Tita e Nunes. Do outro, Luizinho, Toninho Cerezo, Palhinha, Éder e Reinaldo. A final do Brasileirão de 1980 entre Flamengo e Atlético Mineiro tinha tudo para ser espetacular — e foi. No jogo de ida, no Mineirão, 1 a 0 para o Galo, com gol de Reinaldo. A volta foi no Maracanã. Nunes e Zico marcaram no primeiro tempo, mas o Galo, lembremos, tinha Reinaldo, que igualou o placar duas vezes. O segundo gol dele saiu já na etapa final. Ele mancava em campo, após uma distensão na coxa direita. Calou os 154 000 torcedores cariocas que gritavam "bichado", devido ao histórico de lesões do atacante. Minutos depois de um impedimento mal marcado, Rei parou em frente da bola e foi expulso. "Reinaldo cai em campo — sente o músculo, faz cera, xinga a mãe do juiz. José de Assis Aragão revida: 'Quebro a cara desse moleque. Tá expulso!' ", descreveu PLACAR à época.

Naquele ano...
**John Lennon**
foi assassinado
em Nova York

“Se o Flamengo não vencer este jogo, mudo de nome. Podem me chamar de Geni.”
*Marcio Braga, presidente do clube, em tom machista*

Os rubro-negros: alívio depois da vitória apertada

Nunes marcaria o gol do título, após um drible desconcertante no zagueiro Silvestre e um toque sutil por cima de João Leite. “O Júlio Cesar *(atacante do Flamengo no jogo final)* dizia que foi o único drible que eu dei na vida, mas não tem nada disso. Dei aquele drible consciente e fiz o gol que só Deus sabia que eu ia fazer”, relembra Nunes em conversa com PLACAR. ■

# O ENSAIO GERAL DE UM BELO TIME

O segundo tempo da seleção contra os alemães foi avassalador. Nascia ali um sonho, que infelizmente nunca chegaria a títulos

**12** Antes do 7 a 1 de 2014, houve um outro baile entre alemães e brasileiros, mas invertido. No Mundialito do Uruguai, organizado entre dezembro de 1980 e janeiro de 1981 para celebrar os cinquenta anos da primeira Copa, o Brasil venceu a Alemanha por 4 a 1. Todos os gols foram marcados no segundo tempo. Allofs abriu o placar aos nove minutos. Júnior empatou, em cobrança de falta, aos onze. Cinco minutos mais tarde, Sócrates fez um carnaval na defesa e Toninho Cerezo virou. Serginho, aos 31, e Zé Sérgio, aos 37, deram números finais ao jogo. No dia seguinte, só se falava que o Brasil tinha voltado a ser “o melhor do mundo”. A euforia durou pouco. O Uruguai venceu a final por 2 a 1, mesmo placar do Maracanazo de 1950. Mas nasceu naquela jornada o grande time de 1982 — fadado a perder, mas a se eternizar. ■

Naquele ano... entrou no ar a **MTV**, nos Estados Unidos

PEDRO MARTINELLI

**1981** | Montevidéu, 7 de janeiro
**BRASIL 4 X 1 ALEMANHA**

Cerezo, o craque diferente: como saber para que lado ele tocaria?

**1982** | Barcelona, 5 de julho
**ITÁLIA 3 X 2 BRASIL**

**“O futebol é arte, é diversão, sem chutão para a frente.”**
*Telê Santana, ao descrever o time que montara – e perdeu*

IB SCALCO

# A TRISTE DERROTA DOS BAILARINOS

A seleção de Falcão, Sócrates, Zico, Júnior, Cerezo e cia. era um espetáculo, e até hoje ecoa em homenagens no YouTube. Mas então o pragmatismo italiano e Paolo Rossi estragaram o baile

Na Carta ao Leitor de PLACAR, na edição seguinte à tristeza do Sarriá, aquele 3 a 2 para a Itália tristemente inesquecível, o diretor de redação, Juca Kfouri, resumiu o que ocorrera em Barcelona na partida que decidiria uma vaga para a semifinal contra a Polônia: "O jogo acabou. Não faz nem cinco minutos que o sonho do tetra se desvaneceu. Parece inacreditável. Escrevo triste, profundamente triste. Jamais, na minha já andada vida profissional, senti o que agora me assalta. Impotência, vontade que haja um terceiro tempo, desejo de estar debaixo das traves brasileiras para não deixar aquelas bolas entrar. Eu não vi culpa nenhuma no Waldir. A tristeza é óbvia. O melhor futebol desta má Copa da Espanha não está, sequer, nas semifinais. A tristeza é amarga. Uma maravilhosa concepção de futebol perdeu, num jogo, talvez todo o seu futuro. Oxalá, mas oxalá mesmo, isso não ocorra. Que, como a Holanda em 1974, as imagens que o mundo guarde sejam as dos maravilhosos bailarinos verde-amarelos". Sim, o mundo as guardou — e grassam pelo YouTube homenagens emocionadas àquele time de Falcão, Sócrates, Zico, Júnior, Cerezo e cia. E, no entanto, o temor de Kfouri se confirmou, e, depois da derrota do chamado "futebol arte", houve longos anos de equipes fechadas, mais preocupadas com a defesa do que com a armação de jogadas.

Naquele ano... morreu **Elis Regina**

Tinha sido tudo tão espetacular até aquela tarde do quente verão ibérico: 2 a 1 contra a União Soviética; 4 a 1 contra a Escócia; 4 a 0 contra a Nova Zelândia; 3 a 1 contra a Argentina de um Maradona ainda muito jovem. E então Paolo Rossi apareceu três vezes muito livre e desmarcado diante da baliza brasileira. O Brasil chegou a empatar duas vezes, mas o pragmatismo italino, uma marcação muito forte e o faro de Rossi estragaram a festa. Para a seleção, bastaria o empate. Sócrates, que fazia para PLACAR um diário sobre a Copa, teve a grandeza de rabiscar as derradeiras linhas depois da desclassificação, ecoando o pranto universal. "Cheguei ao estádio confiante. Tinha na cabeça uma coisa óbvia: nosso time era o melhor do mundo. Pela manhã, em conversas na concentração, essa era a tônica. Enfrentaríamos um time retrancado que jogaria no contra-ataque e que seria um jogo duro pelo que a Itália mostrou contra os argentinos. Sabia da determinação deles porque assim é o futebol. Saímos da Copa apesar de sermos o time que melhor jogou. Estou profundamente triste, sem forças para explicar nada, para escrever". Essa incapacidade revelada pelo Doutor ainda perdura. Paolo Rossi morreu em 9 de dezembro do ano passado. ■

As veias saltadas de Falcão: o gol de empate, 2 x 2, indicava que tudo daria certo — mas o camisa 20 italiano não deixou, uma, duas, três vezes

# A DELICIOSA LOUCURA DE RENATO PORTALUPPI

Os alemães tinham um time sólido, firme na defesa. Mas os gaúchos tinham um genial camisa 7 da pá virada

**"Faz de conta que nós estamos jogando contra o Aimoré, tá?"**
*O atacante, ao fim dos noventa minutos*

**1983** | Tóquio, 11 de dezembro
**GRÊMIO 2 X 1 HAMBURGO**

MARCELO RESENDE

O ponta tricolor: ele driblaria três vezes o atônito zagueiro Schröder antes de mandar a bola para as redes, praticamente sem ângulo

**14** Ler o que escreveu o repórter gaúcho Divino Fonseca, em PLACAR, é o melhor modo de entender a jornada japonesa de 1983, quando o Grêmio foi campeão mundial de clubes, ao vencer o Hamburgo por 2 a 1, na prorrogação.

"Sem dúvida, tão cedo o Rio Grande do Sul não terá uma madrugada barulhenta como a de domingo último. Toda a loucura do lado de cá do mundo correspondia ao que havia acontecido do lado de lá, no gramado do Estádio Nacional de Tóquio — a imagem luminosa do camisa 7, Renato, com sua maluquice genial, extasiava simultaneamente os lados opostos do planeta. Ele fez tudo o que um jogador pode fazer dentro dos noventa minutos de jogo: atacou, defendeu, driblou, vibrou e... marcou os dois gols da vitória. Sua atuação confirmou uma profecia feita por Willi Schulz — ex-zagueiro do Hamburgo e implacável marcador de Pelé nos anos 60 — na semana passada. 'Muito cuidado', advertia ele. 'Toda equipe brasileira é traiçoeira. De repente, alguém inventa uma jogada que ninguém previa.' Com efeito, a metódica, repetitiva — defensivamente eficiente — equipe do Hamburgo poderia ter protagonizado outro resultado contra o Grêmio, se este não tivesse Renato. É verdade que apresentava também o bom Mário Sérgio, cadenciando e lançando desde o meio-campo; e o jovem Baidek, senhor da área; ou o heroico China, correndo com o tornozelo dolorido. Mas trazia, principalmente, o surpreendente Renato Portaluppi, de 21 anos, que personificou os medos de Schulz com sua deliciosa loucura." ■

Naquele ano... o Brasil perdeu **Mané Garrincha,** o maior de todos os camisas 7

# O BATISMO DE FOGO DOS *LES BLEUS*

O título da Eurocopa, em casa, regido por Platini e Tigana, pavimentou o caminho para a explosão das gerações de Zinedine Zidane e Mbappé

**15** A França bicampeã mundial (1998 e 2018) demorou algum tempo para se consolidar como uma das potências do futebol. Nem mesmo craques históricos da década de 50, como Raymond Kopa e Just Fontaine, conseguiram livrar a equipe tricolor do estigma de apresentar um jogo encantador e, no fim, sempre sair derrotada. Tudo começou a mudar graças a um meia franzino, habilidoso e rebelde bem conhecido dos brasileiros: Michel Platini. A consagração internacional do camisa 10, ídolo da Juventus, veio na Eurocopa de 1984, realizada justamente em solo francês, na qual Platini, no auge de sua carreira, marcou incríveis nove gols. A euforia foi completa na decisão com a Espanha, no Parque dos Príncipes, em Paris.

Os gols saíram apenas na segunda etapa: Platini bateu uma falta rasteira, no canto do goleiro Luis Arconada, que parecia ter feito uma defesa simples, mas acabou deixando a bola passar, mansamente. A confirmação do título veio no fim da partida, em toque por cobertura de Bruno Bellone. Aquela geração, que contava ainda com nomes talentosos como Tigana e Giresse, não conseguiria conquistar a Copa do Mundo — eliminou o Brasil em 1986, mas parou na semifinal, vencida pela Alemanha; em 1982 também caíra para os alemães. Mas aquela vitória contra a Fúria espanhola pavimentou o luminoso caminho para as façanhas de Zidane, Mbappé e companhia. *Allez les bleus!* ■

> **“Estávamos nas nuvens.”**
> *Platini, ao relatar o que sentiu ao subir as escadas até a tribuna de honra para erguer o troféu*

Naquele ano... o Brasil foi às ruas pelas **“Diretas já”**. Em vão

**1984** | Paris, 27 de junho
**FRANÇA 2 X 0 ESPANHA**

Os espanhóis contra a classe de Tigana: primeiros grandes passos

DAVID CANNON

# A TRAGÉDIA QUE FEZ TUDO

**1985** | Bruxelas, 29 de maio
**LIVERPOOL 0 X 1 JUVENTUS**

A descrição fria e simples do que aconteceu naquela quarta-feira é inacreditável. Era a final da Copa dos Clubes Campeões da Europa (hoje conhecida como Champions League), a ser disputada em Bruxelas, a capital da Bélgica. Um ano antes, o Liverpool havia sido campeão e seus torcedores tinham deixado um rastro de destruição em Roma (palco da final). Toda a temporada 1984-1985 foi marcada pela violência dos torcedores ingleses no campeonato local e nas partidas internacionais.

Milhares de torcedores de Liverpool e Juventus, os dois finalistas, invadiram a capital belga, incluindo hordas de hooligans, como eram chamados os ingleses que gostavam de misturar álcool e futebol, paixão pela bola e pela violência. Cartolas das duas equipe haviam se queixado que o estádio (grande, porém maltratado) não tinha condições de receber a partida. Os organizadores reservaram as arquibancadas nas laterais do campo para os "neutros" (moradores locais e convidados) e separaram o trecho atrás de um dos gols para as duas torcidas, uma ao lado da outra. Rapidamente, essa parte ficou superlotada, com mais ingleses que italianos. Era uma bomba com pavio aceso, prestes a explodir.

EFE

**"O futebol chegou a uma encruzilhada."**
*Hans Bangerter, secretário-geral da UEFA entre 1960 e 1989*

# MUDAR

Depois de 39 mortes na arquibancada como resultado de uma briga entre as torcidas inglesa e italiana, as autoridades europeias tiveram de deflagrar uma revolução — e os estádios viraram arenas, mais seguros

O horror, o horror, o horror: até o chefe da polícia, incapaz de controlar as hordas, acabou sendo preso

Antes de a bola rolar, começou uma briga. Os policiais belgas estavam completamente despreparados para um evento daquela dimensão (só para dar um exemplo, os rádios de comunicação não funcionavam — e, terminada toda a confusão, o chefe da polícia foi preso). No corre-corre, centenas de pessoas foram imprensadas contra as telas do alambrado: 39 torcedores morreram, a maioria da Juventus, e houve 600 feridos. Ainda assim, o juiz e os dirigentes da UEFA acharam normal realizar o jogo (vencido pela Juventus com um gol de pênalti de Platini). O Liverpool assumiu a responsabilidade pela tragédia. O processo para apurar os acontecimentos daquela tarde durou quatro anos e terminou com 25 torcedores presos. Todos os clubes ingleses foram banidos de torneios internacionais por cinco anos (mas só em 1999 um time da ilha, o Manchester City, voltaria a ganhar a Champions).

A tragédia ainda teria um desdobramento (igualmente trágico): em 15 de abril de 1989, o mesmo Liverpool faria a semifinal da Copa da Inglaterra contra o Nottingham Forest, também em campo neutro, no caso o estádio de Hillsborough, na cidade de Sheffield. Durante o jogo, estourou uma briga na arquibancada e 39 torcedores do Liverpool morreram pisoteados, outros 766 ficaram feridos. A sucessão de horrores pavimentaria o início de uma revolução no futebol inglês (e mundial), com ecos permanentes. Hoje, todos os grandes estádios (muitos deles rebatizados de "arenas") não têm grades separando a torcida do campo. O que parecia impensável nos anos 1980 virou a regra, com a paixão vencendo a violência, como nascera o futebol. ■

Naquele ano... **Ayrton Senna** ganhou seu primeiro GP, em Portugal

# PARA VER E REVER E NUNCA MAIS PARAR

Em uma única partida, o camisa 10 fez de tudo, do extraordinário ao milongueiro, no mais espetacular jogo de um craque numa única partida de Copa do Mundo

## 1986 | Cidade do México, 22 de junho **ARGENTINA 2 X 1 INGLATERRA**

FOTOS JUHA TAMMINEN

**"Gooool! Quero chorar. Golaço! Diego! De que planeta você veio para deixar tantos ingleses pelo caminho?"**
*Victor Hugo Morales, narrador da Radio argentina, ao descrever o segundo gol contra a Inglaterra — o mais bonito da história*

Antes ainda do meio de campo, o canhotinha genial pegou a bola e foi driblando tudo o que aparecia de camisa branca pela frente, até chegar diante do goleiro Peter Shilton: pena esta página não ser animada

Naquele ano... (ou melhor, naquela mesma tarde), El Pibe ainda fez o lendário gol com ***la mano de Dios***

**1987** | Campinas, 25 de fevereiro
**GUARANI 3 X 3 SÃO PAULO (3 X 4 NOS PÊNALTIS)**

SERGIO BEREZOVSKY

Os rolos do calendário levaram a final de 1986 para o ano seguinte: partida decidida nos pênaltis depois de um empate espetacular

# ERA DIA DE FESTA NO INTERIOR, MAS NÃO

O Bugre campineiro era um timaço, mas o Tricolor da capital tinha Careca, que depois faria companhia a Maradona no Napoli

**18** Na atávica confusão do calendário brasileiro, o melhor jogo de 1986 aconteceu em fevereiro de 1987. Foi a segunda partida da final do Brasileirão entre São Paulo e Guarani, no Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas. Ambos chegaram à decisão em busca do bicampeonato — o São Paulo foi o campeão de 1977 e o Guarani ganharia a edição seguinte. No primeiro jogo da final, no Morumbi, 1 a 1. Os gols, de Careca pelo Tricolor e de Evair pelo Bugre, deixaram os dois atacantes empatados na artilharia, com 24 gols. Na finalíssima, brilharia a estrela do são-paulino.

> **"Vendam o Morumbi para o Careca ficar."**
> *Wagner, zagueiro tricolor, em frase publicada em* PLACAR. *Não ficou*

Logo aos nove minutos, o jogo já estava 1 a 1, com dois gols contra: do lateral Nelsinho para o Guarani e do zagueiro Ricardo Rocha para o São Paulo. O placar se manteve até o fim dos noventa minutos e o duelo foi para a prorrogação. Pita colocou o São Paulo pela primeira vez na frente do marcador logo no primeiro minuto, mas o Guarani virou com Boiadeiro e João Paulo. O título, porém, escapou das mãos do Bugre por pouco. Careca, já aos catorze minutos do segundo tempo da prorrogação, aproveitou um vacilo da zaga adversária e fuzilou para deixar tudo igual. Como tinha acontecido no título de 1977, o São Paulo seria campeão nos pênaltis. Herói da prorrogação, Careca perdeu a sua batida, mas Boiadeiro e João Paulo desperdiçaram para o Guarani, e a taça acabou nas mãos do time da capital, para tristeza dos 37 000 torcedores presentes no estádio campineiro. ■

Naquele ano... o Brasil perdeu **Carlos Drummond de Andrade**

# A LARANJA QUE DEU SUCO

Cruyff? Só a Holanda de Van Basten, Gullit e Rijkaard ganhou um torneio de relevância

**19** A Holanda dos anos 1970 ficou no quase: vice nas Copas de 1974 e 1978. O primeiro título de relevância veio na Eurocopa de 1988, com um outro supertime novamente treinado por Rinus Michels. Na estreia, derrota para a União Soviética por 1 a 0. Na semifinal, vitória contra a Alemanha Ocidental, dona da casa e algoz do Mundial de 1974. Quis o destino que o resultado fosse exatamente o oposto: 2 a 1 para a Holanda, de virada. Na final, Rijkaard, Gullit, Koeman, Van Basten e companhia devolveram a derrota para os soviéticos: 2 a 0 no placar final. ■

**1988** | Munique, 25 de junho
**URSS 0 X 2 HOLANDA**

SERGIO SADE

Van Basten, o autor do segundo gol: vingança contra os soviéticos

Naquele ano... morreu **Chacrinha**, e até hoje quem não se comunica se trumbica

# A ELEGÂNCIA DE BOBÔ

O atacante só não fez chover, a ponto de entrar na cabeça de Caetano Veloso para virar canção

**1989** | Salvador, 15 de fevereiro
**BAHIA 2 X 1 INTER**

JB SCALCO

Dois gols numa tarde heroica: um deles, um "chute" de cabeça

**20** "Eu sou a chuva que lança a areia do Saara", começa a letra de *Reconvexo,* música de Caetano Veloso que eternizou o verso "Quem não amou a elegância sutil de Bobô". Raimundo Nonato Tavares da Silva, o Bobô, nasceu em 26 de novembro de 1962 e despontou para o futebol no Bahia (antes de se destacar no São Paulo e no Fluminense). Pelo clube de Salvador, sua maior conquista foi a Copa União (o equivalente ao Campeonato Brasileiro) de 1988, que só terminou no início do ano seguinte.

Na primeira partida da final, contra o Inter, o camisa 8 tricolor fez os dois gols, de virada, para delírio dos mais de 90 000 torcedores que lotaram a Fonte Nova. Para começar, um "chute" de cabeça, ainda no primeiro tempo. Depois, logo aos cinco minutos do segundo tempo, o gol da vitória. No jogo de volta, no Beira-Rio, empate sem gol. E o Brasil descobriu a elegância sutil de Bobô. ■

Naquele ano... caiu o **Muro de Berlim,** pondo fim à Guerra Fria, com a derrota do universo soviético

**1990** | Nápoles, 3 de julho
**ITÁLIA 1 X 1 ARGENTINA (3 X 4 NOS PÊNALTIS)**

# A VITÓRIA DO INIMIGO ÍNTIMO

Maradona, príncipe em Nápoles, dividiu um país na tarde em que os argentinos venceram os italianos na casa deles

**"Diego nos corações, Itália nas canções."**
*Faixa exibida nas arquibancadas do Estádio San Paolo*

O 10 celebra a eliminação da Azzurra: desilusão italiana

GIANNI GIANSANTI/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

**21** "Durante 364 dias do ano, vocês são considerados pelo resto do país como estrangeiros. Eu, por outro lado, sou napolitano durante os 365 dias do ano", exclamou Diego Armando Maradona a seus súditos, às vésperas da semifinal da Copa do Mundo. Ídolo máximo do Napoli, o gênio nascido na periferia de Buenos Aires conhecia como poucos do histórico e inaceitável preconceito sofrido pela população do sul da Itália — vista por boa parte dos nortistas de Roma, Milão ou Turim como suja, ignorante ou até mafiosa — e tentou usá-lo a seu favor diante do caprichoso chaveamento que definiu Itália x Argentina no Estádio San Paolo, sua segunda casa, em Nápoles. E naquele dia os napolitanos virariam italianos.

Seria exagerado dizer que, naquele fim de tarde, Maradona conseguiu transformar sua seleção em anfitriã na região da Campânia. A explosão nas arquibancadas no momento em que Totò Schillaci abriu o placar para a Itália, logo no início, deixou claro que o povo, ainda que um tanto dividido, penderia para a Azzurra. Os torcedores não napolitanos vaiavam o camisa 10, enquanto os locais tentavam amansar a fera com gritos de "Diego, Diego". A equipe sul-americana empatou na segunda etapa com Claudio Caniggia — o carrasco do Brasil nas oitavas —, de cabeça, em falha do goleiro Walter Zenga, que até então não havia sido vazado no torneio. A Itália ainda chegaria perto da glória em cobrança de falta de Roberto Baggio. O empate levou a decisão para os pênaltis, Maradona fez o seu com extrema categoria. O argentino Goycochea defendeu as batidas de Donadoni e Serena. Fez-se silêncio ruidoso no San Paolo. Chegava ao fim, com requintes de crueldade, sobretudo para os napolitanos, o acalantado sonho do tetracampeonato em casa. ■

Naquele ano... o sul-africano **Nelson Mandela** foi libertado depois de 27 anos na cadeia

**1991** | Guangzhou, 30 de novembro
**ESTADOS UNIDOS 2 X 1 NORUEGA**

A camisa 10 Michelle Akers fez os dois gols da vitória contra as norueguesas: artilheira do torneio, ela marcou dez vezes

# E NO PRINCÍPIO FOI MUITO BACANA

Na primeira Copa do Mundo de futebol feminino, com estádios chineses lotados, as americanas mostraram quem é que mandava em campo

**22** Durante a Copa do Mundo do México em 1986, dirigentes da Fifa tiveram a ideia de organizar uma competição nos mesmos moldes para as mulheres. A China foi escolhida como sede. O ano: 1991. A seleção dos Estados Unidos não deu chances para as adversárias e aplicou goleadas impiedosas no caminho até a final, como o 5 a 0 no Brasil (que foi eliminado na primeira fase), o 7 a 0 contra Taipé Chinês, nas quartas, e o 5 a 2 sobre a Alemanha nas semifinais. O jogo valendo o título contra a Noruega foi bem mais difícil, mas a camisa 10, Michelle Akers, começou a decidir em favor das americanas aos vinte minutos, de cabeça. Também em jogada aérea, a 10 do time adversário, Linda Medalen, deixou tudo igual nove minutos depois. Coube a Michelle fazer o gol da vitória aos 33 do segundo tempo, ao aproveitar uma bobeira da zaga norueguesa, driblar a goleira com um toque e rolar de pé direito para o gol vazio. Michelle foi a artilheira com dez gols marcados e eleita a segunda melhor jogadora do torneio. A companheira Carin Jennings ficou com a Bola de Ouro. As duas formavam o ataque dos Estados Unidos com April Heinrichs. O trio anotou vinte dos 25 gols da equipe na Copa, uma festa bonita, capaz de reunir mais de 500 000 pessoas nos estádios nas 26 partidas da competição. E ficou provado que o mundo masculino demorara demais para enxergar as mulheres. ■

**“Havia apenas dois repórteres e uma amiga quando viajamos.”**
*Michelle, a goleadora, ao lembrar do desinteresse pela equipe*

Naquele ano... acabou a Guerra Fria, com o fim da **União Soviética**

# O MUNDO DESCOBRIU O TRICOLOR...

Não havia tanta disparidade entre os clubes europeus e os sul-americanos. Ainda assim, a vitória do time de Telê foi surpreendente

**23** Eram outros tempos, quase na pré-história. Há três décadas, havia grande futebol dos dois lados do Atlântico, tanto nas seleções quanto nos clubes. Em dezembro de 1992, o São Paulo chegou a Tóquio, capital do Japão, para disputar a Copa Europeia/Sul-Americana (também conhecida como Copa Toyota, mas que todos chamavam de Mundial naquela época) contra o favoritíssimo Barcelona. De um lado, Zubizarreta, Koeman, Guardiola, Laudrup e Stoichkov. Do outro, Zetti, Cafu, Cerezo, Müller e Raí.

Aos 11 minutos, o búlgaro Hristo Stoichkov dominou na entrada da área e, entre três adversários, acertou o ângulo. Logo depois, Ronaldão deu um chega pra lá no atacante do Barça, que lhe rendeu um cartão amarelo, mas abriu caminho para a grande virada. No campo, brilhou como nunca o futebol de Raí, o irmão de Sócrates, que fez os dois gols são-paulinos. O técnico Johan Cruyff (sim, aquele mesmo da genial Holanda de 1974) atestaria, naquela tarde e sucessivas vezes, a categoria do time do Morumbi, treinado por Telê Santana, que é, até hoje, a única equipe brasileira a vencer três mundiais de clubes (os outros foram em 1993 e 2005). ■

**“Se for para ser atropelado, que seja por uma Ferrari.”**
*Johan Cruyff, que treinava a equipe da Catalunha*

Naquele ano... o presidente **Fernando Collor** renunciou para não ser “impichado”

**1992** | Tóquio, 13 de dezembro
**SÃO PAULO 2 X 1 BARCELONA**

Raí: atuação magistral, com dois gols, para cravar a virada

RICARDO CORREA

# O INCÔMODO TANGO COLOMBIANO

Os argentinos não perdiam dentro de casa havia seis anos e estavam invictos nas eliminatórias diante de sua torcida. Até que Valderrama e sua turma entraram em campo

Naquele ano... morreu o traficante **Pablo Escobar**

**24** Era a última rodada das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, que seria disputada nos Estados Unidos. A Argentina estava invicta desde a derrota para a Alemanha na final do Mundial de 1990: no total, 31 jogos só ganhando e empatando, com direito a dois títulos da Copa América (1991 e 1993). Fazia seis anos que os argentinos não perdiam uma partida jogando em seu país — e nunca tinham sido batidos em casa em disputas de eliminatórias. Mas...

...Mas, mais de 75 000 torcedores no Monumental de Núñez, e a festa foi de Asprilla, Rincón, Valencia e Valderrama. O jogo até que foi equilibrado no primeiro tempo. O placar só foi aberto aos 41 minutos. Na etapa final, porém, o que se viu foi um massacre. Quando Rincón marcou o terceiro, o narrador da televisão argentina anunciou, em tom melancólico e pausadamente, como se lesse a letra de um tango sem melodia: "Senhoras e senhores, a partida está 3 a 0 aos 28 minutos". O clima de velório só piorou. O quarto gol, por cobertura, foi o mais lindo. Em seguida, os colombianos começaram a tocar a bola e a torcida não parou de celebrar, ironicamente, entoando "olé".

Peru e Paraguai jogavam ao mesmo tempo, e a Argentina ainda precisou esperar o apito final para ter certeza de que tinha ficado em quinto lugar nas eliminatórias e ainda poderia disputar a repescagem contra a Austrália (dependendo da combinação de resultados, nossos vizinhos corriam o risco de ficar totalmente fora). Os argentinos empatariam com os australianos em Sydney, em 1 a 1, e depois fariam um magérrimo e melancólico 1 a 0 em Buenos Aires, no jogo de volta. Na Copa dos EUA foram eliminados pela Romênia nas oitavas de final. Mas o que os marcou, a rigor, foi a derradeira aventura em um Mundial de Maradona, expulso do torneio depois de ter testado positivo para efedrina, remédio usado para emagrecimento. "Quebraram minhas pernas", ele diria, acusando os cartolas da Fifa.

E a Colômbia? O que começou com uma gigantesca farra portenha, aqueles cinco gols, acabaria de forma trágica menos de um ano depois. ■

**"Aquele jogo influenciou nossa carreira."**
*Freddy Rincón, que então atuava pelo América de Cali*

**1993** | Buenos Aires, 5 de setembro
**ARGENTINA 0 X 5 COLÔMBIA**

EL GRÁFICO

O primeiro tempo terminou com o placar magro a favor dos visitantes de amarelo e azul: depois, foi um baile constrangedor

ROMEO GACAD/AFP

O zagueiro Andrés Escobar, no fatídico lance: doze tiros

# ERRO, FRUSTRAÇÃO E MORTE

Um gol contra tirou os colombianos da Copa do Mundo e transformou um único jogador em bode expiatório da derrota

**25** Apenas nove meses depois da espetacular e inesquecível classificação para a Copa do Mundo de 1994, com a histórica goleada sobre a Argentina, a Colômbia não conseguiu repetir o bom futebol nos gramados americanos e acabou eliminada ainda na primeira fase. Após a derrota para a Romênia na estreia, o jogo contra os Estados Unidos passou a ser tratado como "de vida ou morte". Infelizmente, a metáfora se tornou realidade.

Aos 35 minutos do primeiro tempo, o zagueiro Andrés Escobar, do Atlético Nacional, de Medellín, tentou interceptar um cruzamento de John Harkes, jogou a bola no contrapé do goleiro Córdoba e fez o gol contra.

> **"Era um menino alegre, que irradiava felicidade."**
> *Santiago Escobar, irmão do atleta assassinado em Medellín*

Não tardou, rápida e injustamente, que sobre ele fosse depositada a responsabilidade pela desclassificação precoce. Haveria, portanto, um único culpado pela derrota inesperada. Era o futebol em sua cruel faceta.

Mas poderia piorar, e piorou. Dias depois, na madrugada de 2 de julho, Escobar foi assassinado em frente a uma discoteca em Medellín com doze tiros. Ainda que as investigações não tenham comprovado relação direta entre a morte e a eliminação na Copa, sempre se especulou que ela tinha sido encomendada por apostadores colombianos que perderam muito dinheiro por causa daquela derrota, que causou enorme frustração em toda a Colômbia. E uma simples partida se transformou em exemplo de tudo aquilo que não se espera do esporte. A história daquele grande time sul-americano ficou para sempre marcada pela morte inaceitável, que apenas ampliou o preconceito, como se aos colombianos fosse preciso colar a imagem construída em torno do traficante Pablo Escobar. ■

Naquele ano... morreu **Ayrton Senna**, em Ímola, na Itália

# A JORNADA DO "MESSIAS" PARAENSE

Será difícil esquecer tão cedo a espetacular partida de Giovanni, no dia em que o time do Santos não desceu para o vestiário no intervalo

Naquele ano... um terremoto em **Kobe**, no Japão, matou 6000 pessoas

**26** Nem mesmo a derrota por 4 a 1 no jogo de ida da semifinal e as ausências de Jameli e Robert, destaques do time, suspensos, tiraram a esperança do torcedor santista, ávido pelo retorno dos tempos de glória. O Fluminense do atacante Renato Gaúcho podia perder por até dois gols de diferença para chegar à decisão do Brasileirão. O que se viu, porém, foi um massacre santista. Duas décadas depois de se despedir de Pelé, o Pacaembu alvinegro voltou a ter um autêntico camisa 10 a quem reverenciar. Foi naquela tarde que Giovanni, o paraense de cabelos cor de fogo, ganhou o apelido de "Messias". Ele marcou duas vezes na primeira etapa, a primeira de pênalti e a segunda com um cirúrgico biquinho, após dominar já fintando o defensor.

> **"Foi algo mágico, e aconteceu."**
> *Cabralzinho, treinador do Peixe vice-campeão brasileiro*

Vislumbrando a façanha, o Santos não quis perder um segundo sequer da sintonia com as arquibancadas e não desceu para o vestiário no intervalo, para comoção do público. Macedo marcou o terceiro, mas logo em seguida Rogerinho superou o goleiro Edinho, filho de Pelé, e pôs o Flu em vantagem na soma dos jogos. Giovanni então voltou a aparecer com duas lindas assistências, a última com um toque magistral de calcanhar, e os gols de Camanducaia e Marcelo Passos garantiram a festa do Peixe. Rogerinho ainda descontou para os cariocas, em vão. A virada histórica e o 5 a 2 não valeram o título — a taça ficaria com o Botafogo —, mas foram um momento mágico dentro e fora do gramado. ■

No gramado do Pacaembu lotado: para não perder a adrenalina

**1995** | São Paulo, 10 de dezembro
**SANTOS 5 X 2 FLUMINENSE**

RICARDO CORREA

**1996** | Estados Unidos, 3 de agosto
**NIGÉRIA 3 X 2 ARGENTINA**

# O OURO DEVOLVIDO PARA A ÁFRICA

Os nigerianos, que já tinham eliminado o Brasil, exalaram alegria ao vencer os argentinos na final dos Jogos de Atlanta

**27** A final olímpica do futebol masculino de 1996 terminou em dança e muita festa. Só que o ritmo que comemorou o ouro não foi o tango. Com seu futebol alegre e uma seleção repleta de jogadores versáteis, a Nigéria venceu a Argentina na decisão no Estádio Sanford, em Athens, a uma hora e meia de Atlanta, a sede dos Jogos. O roteiro não foi tão dramático quanto o da semifinal contra o Brasil, em que os africanos chegaram a estar perdendo por 3 a 1 no primeiro tempo e buscaram o empate no último minuto, para vencer por 4 a 3 com um gol na prorrogação.

Contudo, os nigerianos novamente tiveram de suar. Claudio López e Hernán Crespo, que brilhariam pela seleção principal anos mais tarde, formavam a dupla de ataque argentina e fizeram um gol cada um. O ala esquerdo Celestine Babayaro, que fez carreira no Chelsea, e o atacante Daniel Amokachi foram os responsáveis por igualar a partida duas vezes, com duas assistências de Nwankwo Kanu (Galvão Bueno tinha razão: ele era mesmo "perigoso"). E os nigerianos voltaram a ser decisivos no último minuto. Emmanuel Amunike, atacante que defenderia o Barcelona e que entrou no segundo tempo da final olímpica, aproveitou uma linha de impedimento malfeita e, livre, marcou depois de uma cobrança de falta da esquerda: 3 a 2 para a Nigéria, "golden goal", e o primeiro ouro olímpico de uma seleção africana no futebol. ■

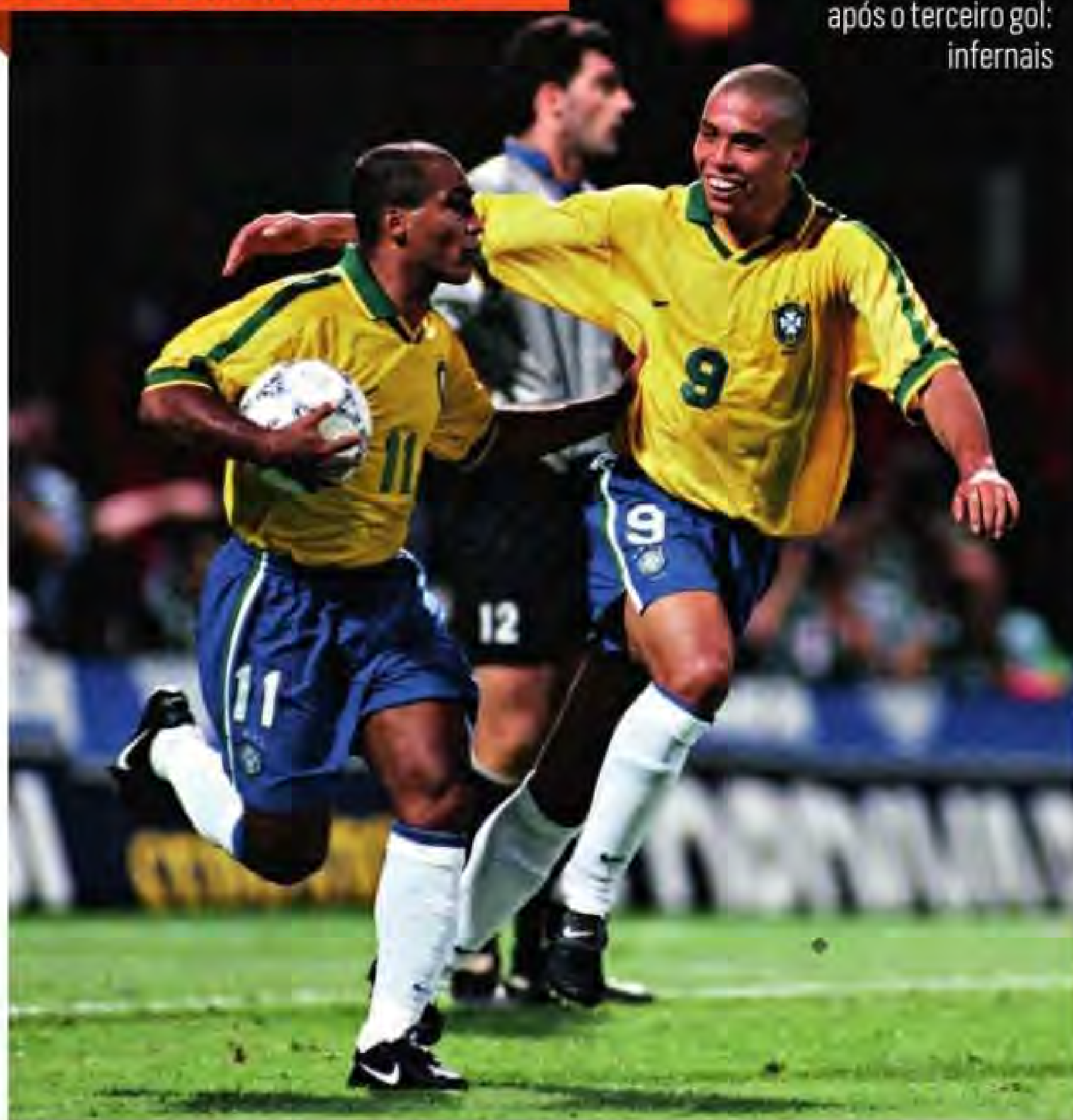
***"Argentina is good, Nigeria is gold."***
*De Kanu, em inglês mesmo, porque soa muito bem*

RICARDO CORREA

Galvão Bueno tinha razão: Kanu era mesmo perigoso

Naquele ano... cientistas escoceses clonaram a **ovelha Dolly**

**1997** | Lyon, 8 de junho **BRASIL 3 X 3 ITÁLIA**

O 9 corre para abraçar o 11 logo após o terceiro gol: infernais

CLAUDIO VILLA/GETTY IMAGES

# DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ

Romário e Ronaldo mostraram contra os italianos, em amistoso, todo o poder da parceria — pena nunca terem jogados juntos uma Copa

**28** "Eu te amo." A frase dita por Bebeto para Romário, logo depois do único gol da vitória sobre os Estados Unidos, na Copa de 1994, marcou uma dupla que parecia ter uma conexão umbilical e insubstituível. Três anos depois, para alegria da torcida brasileira, uma nova parceria chegou chegando. Romário encontrou em campo um fenomenal Ronaldo. Desde o início, a dupla Ro-Ro foi um arraso. Comandados por Zagallo, eles acumularam "atropelos": 5 a 0 na Costa Rica, 6 a 0 na Austrália, 7 a 0 no Peru. Juntos, venceram catorze de dezenove jogos, com 34 gols — dezenove do camisa 11 e quinze do camisa 9. Também conquistaram os títulos da Copa América e da primeira Copa das Confederações, disputada na Arábia Saudita em dezembro de 1997. Antes, a dupla tinha mostrado a que veio no Torneio da França, em junho do mesmo ano.

A competição era um quadrangular amistoso, com participação dos donos da casa, da Inglaterra e da Itália, além do Brasil, é claro. O time de Zagallo não levou o título, mas protagonizou contra os italianos a maior atuação de Romário e Ronaldo (na época ainda conhecido como Ronaldinho) com a camisa amarela. Depois de um empate em 1 a 1 com a França na estreia (jogo marcado pelo gol com a curva improvável de Roberto Carlos), brasileiros e italianos entraram em campo sabendo que o empate acabaria com as chances das duas seleções, uma vez que a Inglaterra já havia vencido a própria Itália e também a França, na véspera.

A defesa da Azzurra era a melhor do mundo: Pagliuca, Panucci, Cannavaro, Costacurta e Maldini. Do outro lado, os zagueiros Célio Silva e Aldair falharam em dois lances e, no intervalo, estava 2 a 1 para a Itália. Aos dezesseis minutos do segundo tempo, Del Piero ampliou a vantagem — e foi então que a mágica começou. Ronaldo marcou aos 25 e Romário, aos 39. No final, 3 a 3. Inglaterra campeã. Ro e Ro nunca jogaram uma Copa juntos. Em 1998, Romário foi cortado por lesão muscular. Em 2002 foi deixado de fora por Luiz Felipe Scolari. ■

**"A movimentação que eu fiz confundiu o Cannavaro, que estava me marcando. Toquei pro meio da área e chutei."**
*Ronaldo, sem mais palavras*

Naquele ano... o computador **Deep Blue** venceu **Garry Kasparov** no xadrez

**1998** | Paris, 12 de julho
**FRANÇA 3 X 0 BRASIL**

MARCUS HARO

Zidane fez dois gols: *non, je ne regrette rien*

# O DIA DE GLÓRIA FINALMENTE CHEGOU

A seleção buscava o penta no Stade de France. Até que aconteceu aquilo que todo mundo já sabe e os franceses fizeram *un, deux, trois...*

**29** É bom já ir logo avisando: ninguém mais aguenta ouvir falar no que aconteceu "de fato" naquela final da Copa do Mundo de 1998 — e talvez nunca saibamos os reais motivos do piripaque de Ronaldo Fenômeno, então conhecido e celebrado como Ronaldinho, antes de um certo gaúcho. O que importa é que foi um jogão no Stade de France, embora o resultado não autorize felicidade pelas bandas de cá. O Brasil tinha certeza de que a França continuaria sendo apenas uma "promessa", uma equipe quase sempre muito boa, mas que invariavelmente morria na praia, e até aquele dia sem nenhum título mundial.

> **"Ninguém tira essa Copa do Mundo do Brasil."**
> *Zagallo, o treinador, na véspera*

Com Ronaldo evidentemente fora de condições, de permanente olhar assustado, a seleção brasileira estava grogue, acuada. Os franceses não tiveram pena. Mandaram e desmandaram no jogo e ganharam com autoridade. Zidane fez dois gols no primeiro tempo e Petit acabou com o sonho verde-amarelo aos 48 minutos do segundo. Em uníssono, a torcida entoava a Marselhesa, o empolgante hino, de letra bonita e belicosa. *Allons enfants de la patrie, le jour de gloire est arrivé* — e, realmente, o dia da glória tinha chegado. A tradicional festa do 14 de julho, o Dia da Bastilha, em que se celebra a queda da monarquia e o início da Revolução Francesa, em 1789, começou dois dias antes. O carnaval invadiu as ruas de Paris. E Ronaldo? Prometemos não entrar nessa seara. Melhor ficar com a atuação espetacular de Zidane, que gostava de aprontar contra o Brasil. ■

Naquele ano... o português **José Saramago** ganhou o Nobel de Literatura

# "COMO AQUILO PÔDE ACONTECER?"

Tinham corrido noventa minutos e o título da Champions caminhava para Munique — até que dois escanteios seguidos arruinaram a Baviera

**30** Os mais de 90 000 torcedores no Camp Nou, em Barcelona, presenciaram não só a consagração de um esquadrão histórico, o Manchester United do técnico Alex Ferguson, como uma das conquistas mais dramáticas de todos os tempos. Para encerrar um jejum de 31 anos sem conquistar a Europa, os "diabos vermelhos" ingleses tinham de superar a ausência de dois meias para lá de decisivos, Roy Keane e Paul Scholes, e vencer o experiente time do Bayern de Munique. Logo aos seis minutos, a missão se tornou ainda mais complicada. Vestindo um incomum uniforme prateado, a equipe alemã saiu na frente em cobrança de falta de Mario Basler. Por pouco, não houve uma goleada bávara na noite catalã. O baixinho Scholl e o grandalhão Jancker quase marcaram dois golaços, o primeiro por cobertura e o segundo de bicicleta, mas os chutes pararam na trave.

Naquele ano... morreu o dramaturgo **Dias Gomes**

A sorte e a eficiência, de mãos dadas, porém, estariam nos pés dos atacantes que Ferguson mandou a campo na segunda etapa. Aos 46 minutos, escanteio da esquerda, Beckham na bola e até o goleiro Schmeichel na área. Após rebatida, Giggs chutou e Sheringham empurrou suavemente para as redes. Dois minutos depois, com o Bayern ainda grogue, e em novo escanteio da esquerda, foi a vez de Sheringham desviar e Solskjaer, o atual treinador do United, mandar para as redes de Oliver Kahn usando a ponta do pé direito. O delírio britânico contrastou com o desespero alemão. O capitão Lothar Matthäus, aos 38 anos, substituído pouco antes dos gols, ficou sem reação. "Fizemos tudo certo por noventa minutos. Até hoje me pergunto como tudo aquilo pôde acontecer?", indagaria. O United fechou a temporada com a tríplice coroa — o Campeonato Inglês, a Copa da Inglaterra e a Champions. ■

**1999** | Barcelona, 26 de maio
**MANCHESTER UNITED 2 X 1 BAYERN**

**"Não posso crer, não posso crer. Futebol. Puta merda."**
*Alex Ferguson, treinador da equipe inglesa*

BEN RADFORD/ALLSPORT/GETTY IMAGES

Solskjaer, hoje treinador dos "diabos vermelhos", comemora o gol da virada: desespero e total incredulidade dos alemães

# A NOITE DO BAIXINHO IMPARÁVEL

Os alviverdes estavam levando o título da Copa Mercosul com facilidade, mas do outro lado havia Romário, e com Romário...

ALEXANDRE BATTIBUGLI

**2000** | São Paulo, 20 de dezembro
**PALMEIRAS 3 X 4 VASCO**

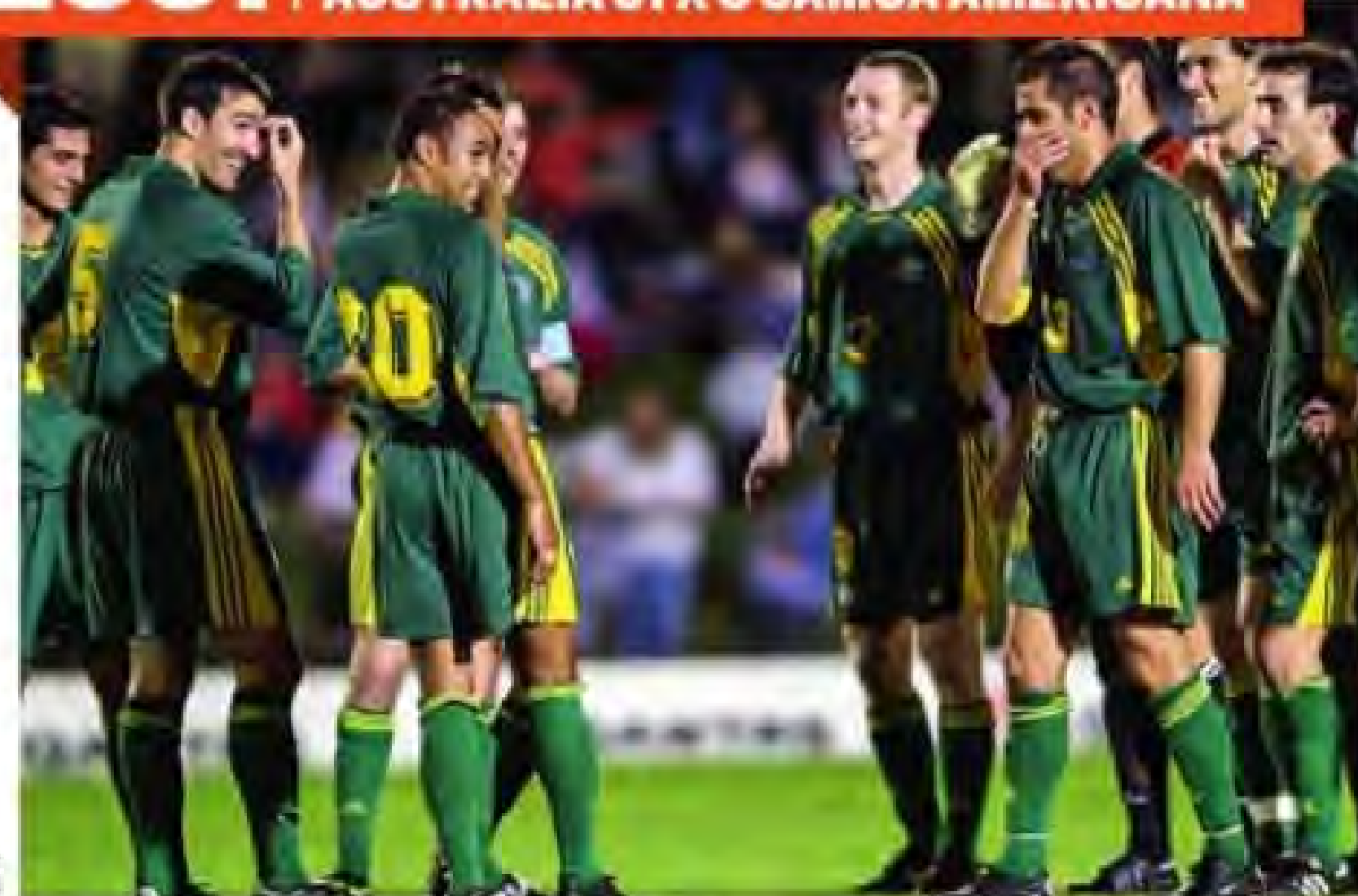
Talvez nunca tenha havido um segundo tempo tão espetacular como aquele: na vitoriosa história do Gigante da Colina

**31** "A virada do século", simples assim, foi a alcunha que os vascaínos deram à final da Copa Mercosul naquela noite quente de verão no Parque Antártica, antes de virar Allianz Parque. O Palmeiras não tinha lá um grande time, mas virou o primeiro tempo com 3 a 0 no placar, gols de Arce, Magrão e Tuta. Eram favas contadas, e foi com essa certeza que os 22 jogadores desceram para o vestiário. A torcida alviverde gritava "É campeão", e não poderia ser diferente. O Vasco ganhara o primeiro jogo, no Rio, por 2 a 0. No segundo, deu Palmeiras, 1 a 0. E então houve a terceira e memorável decisão. "É campeão!" 3 a 0? Qual dúvida?

E no segundo tempo deu-se a reviravolta inacreditável e histórica. Romário, duas vezes, e em ambas de pênalti, aos 14 e aos 23 minutos, reduziu a diferença para apenas um gol. Aos 41 minutos, Juninho Paulista empatou. Aos 48, Romário, marrento e decisivo como sempre, assegurou a vitória do Gigante da Colina. Foi uma das grandes atuações de um dos maiores de todos os tempos. E ficou para sempre o alerta: se o Baixinho estava do outro lado, nada de cantar vitória antes da hora. ■

Naquele ano..., ao contrário das piores previsões, não houve o **Bug do Milênio**

**2001** | Coffs Harbour, 11 de abril
**AUSTRÁLIA 31 X 0 SAMOA AMERICANA**

EPA

Os vencedores: no primeiro tempo o placar era de 16 x 0

Naquele ano...
a Al Qaeda derrubou as **Torres Gêmeas** de Nova York

# UMA GOLEADA ABSURDA

O massacre australiano contra a seleção de Samoa Americana iluminou o gigantismo da Fifa

**32** Nas eliminatórias para a Copa de 2002, aconteceu a maior goleada entre seleções profissionais em competições da Fifa. Com reservas, a Austrália levou dez minutos para abrir o placar. Depois, foi aquele absurdo: 16 a 0 no primeiro tempo, 31 a 0 no final. Archie Thompson entrou para a história como o jogador que mais gols fez num único jogo: treze.

O curioso é que Samoa Americana não é um país independente, mas um território americano no Oceano Pacífico. Porém, os donos do futebol no planeta aceitam essas seleções (Aruba e Curaçao, que são ligados à Holanda; Nova Caledônia, à França; Gibraltar e Anguilla, ao Reino Unido; entre outros). É por isso que a Fifa tem 211 filiados, mais do que os 193 países-membros da Organização das Nações Unidas. ■

**2002** | Kobe, 17 de junho
**BRASIL 2 X 0 BÉLGICA**

**"Pião barroco em pleno movimento."**
*José Miguel Wisnik, poeta, músico e crítico de arte, ao descrever o lance do pernambucano*

O camisa 10: o sertanejo é antes de tudo um forte

RICARDO CORREA

# COMO NUM BALÉ

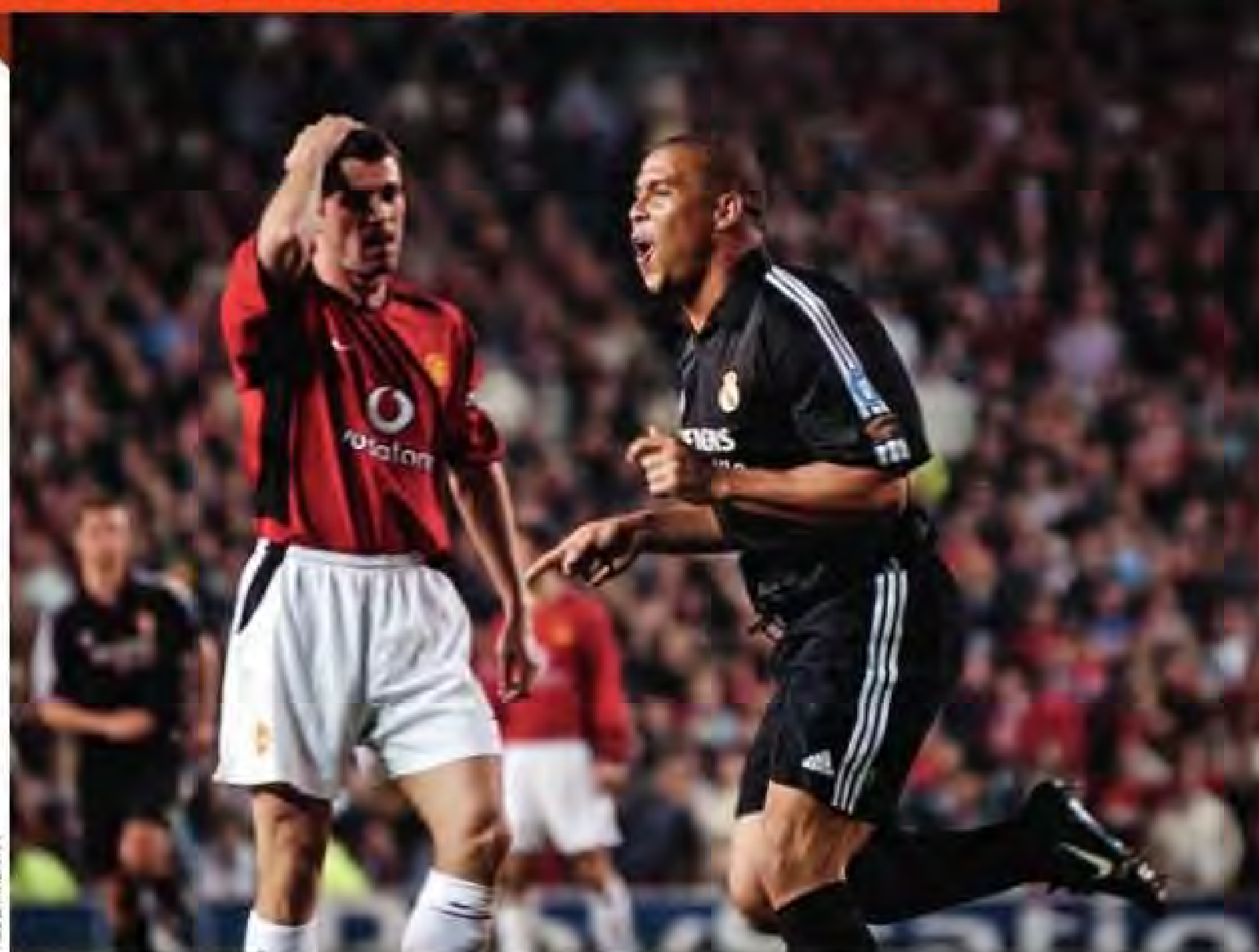
A partida pelas oitavas da Copa do Mundo estava difícil, os belgas eram adversários duríssimos. Até que, aos 22 minutos do segundo tempo, Rivaldo "posou" para PLACAR e abriu o caminho para o penta com um golaço

Naquele ano... **Lula** foi eleito presidente do Brasil

# THERE'S ONLY ONE RONALDO

Sim, só há um Ronaldo, o brasileiro e não o português, como se viu em Old Trafford

**34** Poucas vezes o Old Trafford aplaudiu jogadores de um time que não fosse o Manchester United. A primazia coube a Ronaldo. Os ingleses venceram o Real Madrid por 4 a 3 pelas quartas-de-final da Champions, mas a trinca de gols do brasileiro, que jogava entre os merengues, foi linda. Os espanhóis se classificaram depois de vencer por 3 a 1 na ida. Anos mais tarde, o United lançou uma camisa com a frase "There's only one Ronaldo" (só existe um Ronaldo), para exaltar o seu Ronaldo, o português. Acertaram na frase, erraram no personagem: só há o nosso Ronaldo. ■

**2003** | Manchester, 23 de abril
**MANCHESTER UNITED 4 X 3 REAL MADRID**

PAUL BARKER/AFP

O Fenômeno foi aplaudido de pé: uma, duas, três vezes...

Naquele ano... o fenomenal projeto **Genoma Humano** foi finalizado

**2004** | Lisboa, 4 de julho
**GRÉCIA 1 X 0 PORTUGAL**

PIER GIAVELLI/BPA

Havia um cavalo de Troia no caminho de Figo e cia.: tristeza

Naquele ano... foi criado o **Facebook**

# UMA FESTA GREGA...

...com certeza, depois da surpreendente vitória contra os donos da casa, na final da Eurocopa

**35** Já na estreia, a Grécia mostrou que não chegara à toa a Lisboa — apareceu como se fosse um cavalo de Troia, com enormes surpresas. Começou com uma vitória contra o dono da casa, por 2 a 1 (gol de honra de um certo jovem Cristiano Ronaldo). Depois empatou com a Espanha (1 a 1) e perdeu para a Rússia (2 a 1). Nas quartas-de-final venceu a França por 1 a 0. Na semifinal despachou a República Checa na prorrogação, por 1 a 0. Aí veio a final, justamente contra Portugal, de novo, seleção dirigida por Luiz Felipe Scolari. No Estádio da Luz lotado, os ibéricos sabiam que precisariam de atenção máxima. Os mandantes tiveram 58% de posse de bola, finalizaram dezessete vezes e conseguiram dez escanteios. E daí? No solitário tiro de canto da Grécia, o único da partida, Charisteas cabeceou para o fundo das redes e garantiu o título inédito. Portugal chorou como se ouvisse um fado melancólico. ■

# UM SÁBADO PRA LÁ DE AFLITIVO

O Timbu tinha um pênalti para bater, os gremistas eram sete em campo e a permanência na série B provável — e então houve um milagre

**36** Na apresentação do documentário *A Batalha dos Aflitos*, sem vergonha alguma da explícita parcialidade, lê-se o seguinte: "O dia em que um time de futebol derrotou o adversário em território inimigo, com sete homens em campo. Guerreiros cobertos com o sempre vitorioso manto sagrado de três cores. Nenhum time do mundo tem a determinação, o espírito de garra e a bravura típica do gaúcho como o Imortal Tricolor. Enfrentar adversidades faz parte da história desse clube que enche de orgulho e de alegria o seu torcedor. Somente o Grêmio seria capaz de superar as dificuldades dessa batalha e fazer história como campeão brasileiro da Série B. Uma epopeia que a nação tricolor jamais cansará de lembrar, reviver e comemorar".

As hipérboles são compreensíveis. Foi uma jornada e tanto — e, mesmo para torcedores de outros times, à exceção dos colorados, é claro, e do derrotado Náutico, soou impossível. Mas aconteceu. O placar marcava 0 a 0 quando o juiz apitou um pênalti contra o Grêmio (no primeiro tempo, os pernambucanos já tinham perdido uma penalidade máxima). Foram 27 minutos de confusão, de empurra-empurra e quatro jogadores do time gaúcho expulsos. A derrota parecia inevitável e a permanência na série B, inescapável. O lateral-esquerdo do Timbu, Ademar, bateu; Galatto defendeu. No contra-ataque, o Grêmio marcaria com Anderson, de apenas 17 anos. Os jogadores do Náutico choravam, atônitos, no gramado dos Aflitos. Os do Grêmio corriam de um lado para o outro, incrédulos. ■

**"Ina-cre-di-tá-vel."**
*Pedro Ernesto, narrador da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre*

Naquele ano... morreu o papa **João Paulo II.** Joseph Ratzinger virou Bento XVI

**2005** | Recife, 26 de novembro
**NÁUTICO 0 X 1 GRÊMIO**

EDISON VARA

Desnorteados, os tricolores correram de um lado para o outro: eles tinham vencido a incrível "Batalha dos Aflitos"

**2006** | Berlim, 9 de julho
**ITÁLIA 1 X 1 FRANÇA (5 X 3 NOS PÊNALTIS)**

# A INSURREIÇÃO DE UM SANTO?

A final da Copa caminhava inapelavelmente para os pênaltis quando Zidane, o príncipe, perdeu a cabeça — e virou a cabeça de meio mundo

“Prefiro a p... da sua irmã.”
*Materazzi, em 2007, ao revelar o que disse ao 10 gaulês*

O francês e o italiano: sangue latino nas veias

O.k., a Itália venceu nos pênaltis e levou para Roma o tetracampeonato mundial. Mas o que nunca se esquecerá daquela final em Berlim é a cabeçada de Zidane. Zizou, o grande Zizou, acertara o peito do zagueiro italiano Marco Materazzi — o “Matrix”, referência à mania de aplicar tesouras voadoras nos adversários que lembravam as cenas da trilogia do cinema. Materazzi, soube-se depois, xingara a irmã de Zidane. E pá!, com a devida exclamação. O francês, mercurial, nunca foi um duque em campo, apesar do futebol de príncipe — até aquela jornada, tinha sido expulso catorze vezes em dezoito anos de carreira, uma enormidade. Mas aquela cabeçada, para quê?, embora desse para entender, mais tarde, o porquê.

E uma simples partida de futebol se transformou em embate em torno da ética na vida. O jornalista André Fontenelle escreveria em VEJA: “Dois erros não produzem um acerto. Duas brutalidades, uma verbal e uma física, não resultam em empate ético, mas em desastre mútuo”. Na França de Jean-Paul Sartre, deu o que falar. O filósofo Bernard Henri-Lévy interpretou o gesto como “a insurreição de um homem contra o santo em que estavam tentando transformá-lo”. Um parlamentar iraniano aplaudiu “a defesa do orgulho islâmico contra o injusto insulto”, e houve quem dissesse que Materazzi chamara Zidane de “terrorista”, numa provocação preconceituosa contra sua origem argelina. Mas não, foi só a irmã mesmo. Ah, então teria sido a honra ferida de um filho de berbere que tem devoção infinita pela família. Foi tudo isso, ou nada disso. Foi um zagueiro grosso que xingou um futebolista refinado e levou uma bordoada. E aquela partida, se não manchou para sempre a carreira de um dos maiores craques de todos os tempos, mexeu com a cabeça de meio mundo. ■

Naquele ano... a música mais tocada foi ***Bad Day***, de Daniel Powter

**“Toda vez que assisto ao gol fico me perguntando se era realmente eu.”**
*A camisa 10, modesta*

# ANTES DO 7 X 1 HOUVE ESSA

A seleção feminina do Brasil nunca havia vencido a Alemanha em torneios oficiais. Um ano antes, na final da Copa do Mundo, Marta perdeu um pênalti na derrota para as alemãs. Mas a "vingança" foi em grande estilo, na semifinal dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. O início foi tenso e, numa falha da defesa, Birgit Prinz (considerada a melhor do mundo na época) ganhou um presente na entrada da área e abriu o placar. Só na metade do primeiro tempo o Brasil passou a dominar o nervosismo e a pressionar as adversárias.

Aos 43 minutos começou a brilhar a estrela de Cristiane, que seria o grande nome da partida. Ela driblou várias adversárias e deixou Formiga livre para empatar. Fazia 223 minutos que a goleira Nadine Angerer não tomava um gol do Brasil. Na volta do intervalo, foram sete minutos arrasadores da canarinho. Aos três, Marta avançou pela ponta direita e, cercada de defensoras alemãs, serviu Cristiane de bandeja: 2 a 1. Logo em seguida, novo ataque da camisa 10 e, quando todos esperavam que ela novamente fizesse a assistência, saiu o chute cruzado: 3 a 1. O quarto gol, de Cristiane mais uma vez, veio aos trinta minutos, com direito a muita dança no gramado para lavar a alma. O Brasil ficaria com a prata, ao perder a final para os Estados Unidos. Mas aquela geração, e especialmente aquela goleada contra as alemãs, seria símbolo da renovação do respeito às mulheres no futebol. Falta muito ainda, a estrada é longa. No ano passado, em bom gesto, a CBF anunciou condições para elas similares às dos homens. E mais: tirou as cinco estrelas do escudo da seleção feminina. São láureas masculinas — mas elas ainda chegarão lá. ■

**2008** | Xangai, 18 de agosto **BRASIL 4 X 1 ALEMANHA**

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# ALEGRIA

A seleção feminina nem quis saber das alemãs. Fez uma partida impecável a caminho da disputa pelo ouro na Olimpíada de Pequim. Ele não veio, mas pouco importa. Aquela geração pavimentou o futuro

**"O país do futebol tem preconceito."**
*Cristiane, a melhor em campo*

A celebração contida e respeitosa: como fariam os alemães seis anos depois, no Mineirão

Naquele ano... a música mais tocada foi **Single Ladies,** de Beyoncé

# AS CHANCES DE CAIR ERAM DE 99%, RODADA A RODADA...

O tricolor carioca caminhava para o rebaixamento, até que uma sucessão de onze jogos invictos o salvou, na última partida

**"Jogadores são marcados por títulos, mas a salvação em 2009 valeu como título."**
*Digão, zagueiro das Laranjeiras*

**2009** | Curitiba, 6 de dezembro
**CORITIBA 1 X 1 FLUMINENSE**

RODOLFO BUHRER

O elenco tricolor: permanência no pelotão de cima, diante do choro dos curitibanos e da confusão nas arquibancadas

**40** O jogo mais memorável de 2009 não está na lista de PLACAR pela beleza do que houve dentro de campo — ao contrário, terminou em cenas tristes e deploráveis de violência e vandalismo. Mas será para sempre lembrado pelas doses exponenciais de dramaticidade. Coritiba e Fluminense duelavam pela permanência na Série A no Couto Pereira lotado. O clube carioca, apesar de ter um bom elenco, com nomes como Conca e Fred — que brilhariam no título nacional do ano seguinte —, passara a maior parte daquele Brasileirão na lanterna. Troca de treinadores, crises internas nas Laranjeiras... e, a poucas rodadas do fim, a estatística apontava para 99% de probabilidade de um novo rebaixamento tricolor. No entanto, comandado por Cuca, o time iniciou uma reação histórica, consumada naquele fim de tarde curitibano. Marquinho, em chute de fora da área, abriu o placar para o Fluminense. O zagueiro Pereira igualou, de cabeça, ainda no primeiro tempo.

Naquele ano... morreu **Michael Jackson,** o rei do pop

O que se viu na segunda etapa foi uma batalha. Nas arquibancadas, incontáveis torcedores coxas-brancas choravam com a possibilidade de queda justamente no ano do centenário do clube. Do lado visitante, ecoou um novo grito que colaria dali para a frente: "Time de guerreiros". Com o empate em 1 a 1, o Flu fechou uma sequência de sete vitórias e quatro empates e permaneceu na Série A. O Coritiba se despediu da elite de maneira melancólica, com invasão de gramado e sua própria casa depredada em forma de protesto. Para os cariocas, o 1% de probabilidade de permanecer no pelotão principal virou 100%. ■

# A GANA DE VENCER PAROU NO INUSITADO

Os africanos estavam para chegar pela primeira vez a uma semifinal de Copa. Esbarraram num lance bizarro e no peso do mundo sobre eles

**41** Era a chance de um país africano enfim alcançar uma semifinal de Copa do Mundo — e justamente no primeiro Mundial organizado pelo continente, na África do Sul de Nelson Mandela. Mas a mão do atacante uruguaio Luis Suárez e o peso do mundo nos ombros de Asamoah Gyan transformaram a oportunidade em decepção. Gyan perdeu o pênalti, no último minuto da prorrogação, que garantiria a vitória ganense.

**"Era a circunstância do momento, não tinha outra solução."**
*Suárez, ao pôr a mão na bola*

Naquele ano... a **Espanha** levaria a Copa do Mundo pela primeira vez

Com o empate, na disputa por penalidades máximas os uruguaios venceram por 4 a 2. Se na memória coletiva a infelicidade de Gyan é que se tornou indelével, convém sempre andar uns minutinhos para trás e relembrar de um outro quase triste herói: Dominic Adiyiah, que cabeceou à queima-roupa para a irregular defesa de Suárez. Um ano antes, Adiyiah havia feito história na Copa do Mundo sub-20. Liderou a seleção de Gana rumo ao título, ao ganhar do Brasil de Ganso e Giuliano na final. Levou a Bola de Ouro de melhor jogador e a Chuteira de Ouro como artilheiro, com oito gols em sete partidas. Só não balançou as redes (no jogo ou na disputa por pênaltis) uma única vez: no empate por 2 a 2 contra o Uruguai, pela fase de grupos. Ele hoje joga no Arsenal da Ucrânia. ■

FIFA

**2010** | Johannesburgo, 2 de julho
**URUGUAI 1 X 1 GANA (4 X 2 NOS PÊNALTIS)**

As defesas do atacante no último minuto da prorrogação: dali para a decisão por pênaltis e o fim dramático do sonho de todo o continente

# FOI UM GENIAL DESFILE

Em campo, Neymar desabrochando para o mundo, e o gol premiado com o Puskás, e Ronaldinho Gaúcho mostrando quem era

**2011** | Santos, 27 de julho
**SANTOS 4 X 5 FLAMENGO**

A dupla antes do show na Vila Belmiro: épico

Direto ao ponto: o resultado final, a vitória de 5 a 4 do Flamengo contra o Santos, talvez diga muito pouco a respeito de uma noite indelével. Houve de tudo, e tudo mesmo. E haja fôlego para acompanhar a prosa: o Santos fez 3 a 0 antes dos 25 minutos de jogo. O Flamengo empatou ainda no primeiro tempo. O terceiro gol santista, de Neymar, seria eleito naquela temporada o melhor de todos, com direito ao Prêmio Puskás. Foi assim: o atacante de cabelo moicano passou por três marcadores rubro-negros, tabelou com Borges e recebeu frente a frente com Ronaldo Angelim. Deu um drible desconcertante, deixou o zagueiro para trás e, com um leve toque, encobriu Felipe. Era a definitiva consagração do craque que, um mês antes, levara o Peixe ao título da Libertadores.

E, no entanto, não nos esqueçamos, do outro lado havia Ronaldinho Gaúcho em fim de carreira, mas ainda genial. Ele pôs três bolas na rede e, como quem quisesse dizer "o grande aqui sou eu", cravou o 5 a 4 em um lance tão ou mais marcante do que o golaço à Puskás. Cobrou uma falta com a bola passando por debaixo da barreira, em esperteza inigualável, e pronto. Ele não estava para brincadeira. Neymar ria. ■

Naquele ano... morreu **Steve Jobs**, o genioso e genial criador da Apple

PABLO REY

**"O jogo de hoje vai entrar para a história."**
*Vanderlei Luxemburgo, então treinador do Flamengo*

# A ARMA SECRETA QUE TITE SACOU DO BANCO

Romarinho nunca tinha entrado em campo em jogo da Libertadores. Entrou aos 39 minutos do segundo tempo e em seu primeiro toque na bola...

**43** Até a primeira partida da final da Libertadores, o Corinthians tinha uma campanha muito segura, com sete vitórias e cinco empates. Segurava os jogos fora de casa e ia um tantinho mais para o ataque no Pacaembu — o Itaquerão ainda não existia —, bem ao estilo de Tite. O Boca Juniors era adversário duríssimo em Buenos Aires, no caldeirão da Bombonera. Ressalve-se, contudo, que o time argentino era fraco, tinha apenas Riquelme como destaque.

> **"Você vai entrar e vai fazer o nosso gol."**
> *Júlio César, goleiro reserva, em conversa com o atacante na véspera*

Voltar para São Paulo com um bom resultado era apenas um sonho. O placar foi inaugurado aos 27 minutos do segundo tempo, depois de escanteio cobrado por Riquelme. Santiago Silva cabeceou em cima de Chicão e Roncaglia aproveitou a sobra para balançar as redes. O Boca na frente: 1 a 0. A derrota magra não era o pior dos mundos, mas também não era o melhor. Até que, faltando pouco mais de cinco minutos para o apito final, Tite pôs Romarinho no lugar de Danilo. Ele nunca tinha entrado em campo pela Libertadores e, salve o Sobrenatural de Almeida, no primeiro toque na bola, marcou, encobrindo o goleiro Orión. 1 a 1, e o título já parecia mais do que uma possibilidade. Na final, 2 a 0 no Pacaembu, com dois gols de Emerson. Mas que corintiano esqueceria a quimera feita realidade por Romarinho? ■

Naquele ano... morreu **Neil Armstrong,** o primeirão a pisar na Lua

**2012** | Buenos Aires, 27 de junho
**BOCA JUNIORS 1 X 1 CORINTHIANS**

De surpresa, depois de lançamento de Emerson, ele apareceu na pequena área diante do goleiro Orion: o que foi mesmo aquilo?

**2013** | Solna, 19 de novembro
**SUÉCIA 2 X 3 PORTUGAL**

MARTIN ROSE/GETTY IMAGES

Uma, duas, três vezes, na virada impossível: vaga garantida da seleção lusitana na Copa do Mundo de 2014, no Brasil

# UMA GUERRA CHEIA DE MARRA

O segundo tempo espetacular deixou claro: no duelo entre CR7 e Ibrahimovic, os campeões da arrogância, era melhor apostar no português

**44** A pequena e bucólica cidade sueca de Solna coroou um jovem rei Pelé, no antigo estádio Rasunda, na final da Copa de 1958, naquele histórico 5 a 2. Cinco décadas depois, os habitantes da região metropolitana de Estocolmo voltaram a presenciar uma atuação de gala de uma outra lenda da bola já no reformado estádio Friends Arena. O duelo entre Suécia e Portugal valia muito: só um deles carimbaria o passaporte rumo à Copa do Mundo no Brasil em 2014. A equipe lusitana havia vencido o primeiro jogo, em casa, por 1 a 0, com gol, claro, de Cristiano Ronaldo. Os escandinavos, por sua vez, apostavam em Zlatan Ibrahimovic. No duelo dos artilheiros cheios de marra, ambos brilharam, mas quem decidiu foi CR7.

Os cinco gols do jogaço saíram na segunda etapa. Cristiano fez o primeiro em belo chute de esquerda — a perna, digamos, fraca do "robozão". O grandalhão Ibrahimovic virou o jogo com um tento de cabeça e outro de falta, furando a barreira. Delírio total no estádio. Mas quando os suecos se permitiram sonhar com o gol que lhes daria o bilhete premiado, Cristiano Ronaldo marcou mais duas vezes com arrancadas e finalizações de tirar o fôlego. Na batalha entre os craques vaidosos, Ibra teria de se contentar com o papel de coadjuvante. Na Copa, Portugal fracassou e foi eliminado logo na primeira fase. Perdeu da Alemanha por 4 a 0. Empatou com os Estados Unidos em 2 a 2 e venceu Gana por 2 a 1. ■

> **"Colossal."**
> *Manchete do jornal* O Jogo *ao descrever a partida decisiva*

Naquele ano... o papa **Bento XIV** renunciou. Salve o papa Francisco

(este é o jogo que gostaríamos de esquecer)

**2014** | Belo Horizonte, 8 de julho
**BRASIL 1 X 7 ALEMANHA**

# A MAIOR DE TODAS AS DERROTAS

Seria possível acontecer de novo uma tragédia amarga como o Maracanazo de 1950, contra o Uruguai? Sim, e ela deu as caras na semifinal de outra Copa do Mundo disputada dentro de casa. E a história se repetiu como farsa

Naquele ano... morreu **Gabriel García Márquez,** craque do realismo fantástico

**"Ih, lá vem mais. Olha a bola tocada, virou passeio..."**
*Galvão Bueno, ao narrar o quarto gol alemão, aos 26 minutos do primeiro tempo*

O placar no Mineirão: resultado inacreditável

MARTIN MEISSNER/AP

# AQUI SE FAZ, AQUI SE PEGA

Nos pênaltis, defendendo um e marcando outro, o goleirão recolocou o Alviverde paulista na rota da glória perdida

**45** O Palmeiras vinha de anos sombrios. Foi rebaixado para a Série B em 2012 e quase repetiu a dose dois anos depois. Em 2015, a diretoria investiu pesado para retomar os anos de glória. O Paulistão escapou nos pênaltis, contra o Santos, mas a revanche viria na final da Copa do Brasil. Após perder o primeiro jogo por 1 a 0, na Vila Belmiro, o Palmeiras entrou em campo na segunda partida com sete reforços contratados naquele ano entre os titulares. Incluindo Dudu, que poderia ter sido o herói do título. O camisa 7 marcou os dois gols da equipe, o segundo já aos 39 minutos do segundo tempo. Era o placar de que o Alviverde precisava. Contudo, ainda houve tempo para Ricardo Oliveira descontar e, pela segunda vez no ano, o "clássico da saudade" foi decidido em penalidades.

O Palmeiras precisava de um novo protagonista, e Fernando Prass é quem levantou o dedo. O goleiro defendeu a cobrança do zagueiro Gustavo Henrique e converteu a última penalidade, com um chute forte no canto direito. "Em nenhum instante da minha vida sonhei com um momento daqueles. Ainda me arrepio quando vejo as imagens e terei a mesma sensação daqui a vinte, trinta anos", relembra Prass em entrevista a PLACAR. O goleiro remanescente do título da Série B em 2013 foi fundamental no caminho do Palmeiras de volta às grandes conquistas ao protagonizar a primeira delas. ■

**2015** | São Paulo, 2 de dezembro
**PALMEIRAS 2 X 1 SANTOS (4 X 3 NOS PÊNALTIS)**

**"Ainda me arrepio quando vejo as imagens."**
*Do camisa 1, em genuíno respeito àquela jornada*

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A consagração no Allianz Parque: "defesa que ninguém passa / linha atacante de raça"

Naquele ano... morreu **Ghiggia,** o gentil carrasco uruguaio da Copa de 1950, a do Maracanazo

# O ÚLTIMO ABRAÇO ANTES DA TRAGÉDIA

O empate em 0 a 0 levaria a Chapecoense para a final da Sul-Americana. O goleiro Danilo fez milagre, salvou o time, mas...

**46** Cinco dias antes da tragédia aérea com a delegação da Chapecoense no voo 2933 da LaMia a caminho da Colômbia para o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana de 2016, houve o derradeiro momento mágico do pequeno time do interior de Santa Catarina. "Que o espírito de Condá esteja junto com você agora, Danilo! Olha o lançamento, pintou o gol... Danilo, Danilo, Danilo! Foi o Condá! Foi o espírito de Condá que salvou essa aí!." A épica narração do locutor Deva Pascovicci na Fox Sports ganhou ainda mais relevo depois do acidente. Descrevia, com seu vozeirão inconfundível, a emoção de um lance decisivo corda bamba entre a glória e o fracasso: o chute do defensor Marcos Angeleri, do San Lorenzo, na linha da pequena área, quase aos 49 minutos do segundo tempo do segundo jogo da semifinal da competição continental. Com a bênção do índio Condá, a mascote do clube, o goleiro Danilo defendeu a derradeira bola com o pé direito. A Chapecoense segurou o 0 a 0 na Arena Condá e garantiu a vaga na decisão contra o Atlético Nacional pelo gol feito fora, ao ter empatado o jogo de ida na Argentina em 1 a 1. Deva e Danilo foram duas das 71 vítimas da tragédia. ■

> **"O ônibus era muito velhinho, e agora é bom."**
> *Bruno Rangel, atacante, ao celebrar o crescimento econômico do clube*

Naquele ano... a presidente **Dilma Rousseff** foi deposta pelo Congresso

**2016** | Chapecó, 23 de novembro
**CHAPECOENSE 0 X 0 SAN LORENZO**

CHAPECOENSE DIVULGAÇÃO

A celebração do empate contra e equipe argentina: a caminho da final que nunca houve, interrompida no céu

# E SEMPRE HAVERÁ PARIS

O Barcelona de Neymar e Messi (nessa ordem, naquele dia) precisava virar a derrota de 4 x 0 no jogo de ida. Conseguiu

**"O homem que acreditou até o fim."**
*Do diário esportivo* L'Équipe, *ao descrever a atuação do 11*

**2017** | Barcelona, 8 de março
**BARCELONA 6 X 1 PSG**

MICHAEL REGAN/GETTY IMAGES

Não há dúvida: no segundo tempo, o brasileiro viveu a melhor meia hora de sua carreira, secundado pelo genial argentino

**47** Apesar da derrota embaraçosa (4 a 0) na capital francesa no jogo de ida das oitavas de final da Liga dos Campeões, os mais de 95 000 presentes no Camp Nou acreditavam desde o início na *remontada do* Barcelona (virada, em espanhol, termo que acabaria mundialmente conhecido naquela noite). A missão, é claro, era dificílima, mas com Neymar, Messi e Suárez na frente não haveria motivo para jogar a toalha. Com um gol do uruguaio e outro de Kurzawa (contra), o Barcelona foi para o intervalo com parte do trabalho feita. Logo aos cinco minutos da segunda etapa, Messi aumentou a vantagem de pênalti. O estádio já pulsava de esperança quando outro sul-americano, Edinson Cavani, jogou um balde de água fria e descontou: 3 a 1. O Barça, então, precisava de mais três gols. O desânimo era geral, menos para Neymar, que viveu a melhor meia hora de sua carreira. Em um golaço de falta, ele fez o quarto. Pouco depois, Suárez sofreu um pênalti (extremamente duvidoso) e Messi cedeu a bola ao nome do jogo: o brasileiro converteu e já correu para o meio-campo para acelerar o reinício. Faltava só um.

E aos 49 minutos apareceu o herói improvável: Sergi Roberto, após lindo passe de Neymar, completou para as redes e quase pôs o Camp Nou abaixo. Um sismógrafo catalão alertou sobre um pequeno tremor, o maior já registrado em um jogo de futebol, no momento do sexto gol. Na França, não faltaram reclamações contra a arbitragem. Na Catalunha, houve festa. O show abriu de vez as portas do PSG para Neymar, contratado naquele mesmo ano. ■

Naquele ano... o Brasil perdeu **Belchior.** "No ano passado eu morri, mas este ano eu não morro."

Os jogadores da equipe vermelho e branco celebram a conquista contra o arquirrival: como se fosse o Monumental de Núñez

# ELES FORAM ÀS TOURADAS EM MADRI...

A incapacidade de garantir segurança aos torcedores em Buenos Aires levou a final da Libertadores para o Santiago Bernabéu

**48** No velório de Maradona, em 26 de novembro do ano passado, viralizou a linda imagem de um torcedor do Boca Juniors chorando no ombro de um fanático pelo River Plate. Só mesmo El Diez produziria milagre desse quilate, embora temporário. Volte-se dois anos no tempo. Os dois clubes portenhos fariam a final da Libertadores. Na primeira partida, disputada em La Bombonera, houve empate em 2 a 2. A segunda, marcada para o Monumental de Núñez vermelho e branco, não houve. Na chegada ao estádio, o ônibus xeneize foi recebido com pedradas e bombas de gás de pimenta arremessadas por torcedores rivais.

> **"O que diriam San Martin e Bolívar?"**
> *Indagação do diário* Clarín *sobre a realização da partida na Europa*

Estilhaços dos vidros feriram jogadores como o capitão Pablo Pérez, que sofreu um corte no braço e uma lesão no olho esquerdo. O que fazer diante do caos incorrigível?

O clássico foi transferido para além-mar, no Santiago Bernabéu, em Madri. Foi uma comprovação da incapacidade das autoridades argentinas de garantir segurança ao clássico dos clássicos. Imaginou-se marcar a disputa sem torcida, como acontece agora durante a pandemia. Mas nem assim haveria tranquilidade, com risco de selvageria nas ruas. Na capital espanhola, deu River, de virada, por 3 a 1, diante de mais de 62 000 pessoas — boa parte delas era gente que atravessou o oceano. Foi um ótimo jogo, nervoso, bem jogado — mas o que fez dele indelével foi a excepcionalidade de ter sido disputado na Europa. Pegou mal, mas foi bacana. ■

Naquele ano... os presidentes das duas **Coreias** se encontraram em zona desmilitarizada

# A ARTE DE ESTICAR O TEMPO

Gabigol aos 43 e aos 46 minutos do segundo tempo desenhou uma das mais espetaculares viradas da história

**2019** | Lima, 23 de novembro
**FLAMENGO 2 X 1 RIVER PLATE**

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, Jorge Jesus, o *mister*, reinventou o futebol brasileiro — pôs o Flamengo para jogar sempre em busca do gol, em toques rapidíssimos e, na toada do batido jargão, com muita "intensidade". Foi um espetáculo. Levou o rubro-negro ao título de campeão brasileiro e à final da Libertadores, após de 38 anos. A decisão, em jogo único, aconteceria em Santiago do Chile — a instabilidade política do país, contudo, depois das bonitas manifestações contra o governo conservador de Sebastián Piñera, forçou a transferência para Lima, no Peru. O Fla do *mister* colecionava 23 vitórias, oito empates e apenas duas derrotas. Mas o adversário era o fortíssimo River Plate, dirigido por Marcelo Gallardo.

Tão forte, tão firme, que até os 43 minutos do segundo tempo ganhava por 1 a 0, com autoridade. Mas o futebol, ah, o futebol, como pode ser espetacular... Gabigol empatou aos 43 minutos e 14 segundos (contam-se os segundos, aqui, porque eles ajudam no desenho do drama). Aos 46 minutos e 23 segundos, de novo ele, Gabigol. Flamengo campeão por 2 a 1, numa das viradas mais heroicas da Libertadores. Inesquecível. Tão indelével que dá tristeza ouvir Jesus, hoje no Benfica, passar pano no racismo. ■

O artilheiro resolve a parada de esquerda: heroico

Naquele ano..., em 31 de dezembro, a China informou a OMS sobre a eclosão de casos de um novo tipo de **coronavírus**

**"Uma derrota agonizante em Lima."**
*Do diário argentino* Clarín, *no dia seguinte*

RAUL SIFUENTES/GETTY IMAGES

**2020** | Milão, 19 de fevereiro
**ATALANTA 4 X 1 VALENCIA**

GIUSEPPE MAFFIA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

# A BOMBA BIOLÓGICA DE SAN SIRO

Para encerrar, um jogo que nunca deveria ter ocorrido, com o novo coronavírus já à espreita no norte da Itália, na antessala da maior tragédia sanitária de nosso tempo

**Em 23 de fevereiro, no início deste interminável ano de 2020, as autoridades de saúde da Itália registraram o primeiro caso do novo coronavírus no país, em Bérgamo, na região da Lombardia. Em seguida, em ritmo inexorável, o vírus se alastrou e o norte se tornou a região mais atingida. Foram os primeiros sinais, na Europa, de que uma tragédia se desenhava. Em meio ao choro, e a mi-**

> **“A congregação de milhares de pessoas, a 2 centímetros umas da outras, ainda mais associada às manifestações compreensíveis de euforia, gritando, abraçando, pode ter favorecido a replicação viral.”**
> *Francesco Le Foche, professor de reumatologia das ciências biomédicas da Universidade de La Sapienza, em Milão*

A torcida de Bérgamo no estádio milanês: o vírus entre abraços

lhares de enterros, o prefeito de Bérgamo, Giorgio Gori, chamou a partida entre o Atalanta e o Valencia, pelas oitavas de final da Liga dos Campeões, de “bomba biológica”. O jogo aconteceu no Estádio de San Siro, em Milão, para mais de 40 000 pessoas. “Se o vírus já estava em circulação, os 40 000 torcedores que foram ao San Siro foram infectados”, disse o alcaide. “Ninguém sabia que o vírus estava circulando entre nós.” O placar: mais de 66 000 mortes por Covid-19 na Itália. ■

No ano passado... mais de 1,6 milhão de pessoas morreram de **Covid-19** em todo o mundo